veira; mas depois embaraçou-se em louvores ao Getulio Vargas perante o embaixador do Brasil, louvores que deram o aspecto de posição política por parte do presidente da Academia — o que me não parecem muito proprio além de nada se relacionar com a memoria do Eugenio de Castro.

Dir-se-ia que o Doutor estava picado por qualquer motivo contra o presidente Epitacio Pessoa que apoz acabou o seu mandato. Seria?... Lá se avenham.

Depois, o Carneiro de Oliveira leu o elogio historico do seu antecessor na cadeira e, caso inédito, foi em verso. Isto constituiu um precedente curioso na longa série de elogios que na casa do Duque de Lafões se teem lido ha quasi dois seculos.

A verdade, porem, é que, com excepção dum ou outro passo, a peça não corresponden á grandeza do culto celebrado que merecia, por parte da Academia, estudo mais serio e mais elevado. Palavras sonoras, um ou outro verso elegante e... pronto. Mais nada.

E' certo que, entre os academicos mais na liça, não sei se haveria quem fosse ca-

paz de analizar, com justa medida e são criterio, a obra do Poeta do Sagramôr.

A seguir, o enfatuado Joaquim Leitão, de farda academica, espadim e chapeu emplumado, leu umas laudas de prosa, menos más como peça literaria, menos mal recitada, mas vasia de sentido. Repisava o paralelo estabelecido pelo Julio Dantas a respeito dos dois poetas e levou ás nuvens o alto espirito e elegancia moral do Correia de Oliveira que ele, Leitão, um dia viu na Baixa de Lisboa, no Rossio ou Avenida, com a indumentaria modesta de franciscano, cumprimentar com fidalga distinção a « Rainha Senhora D. Amelia » que passava no seu carro « rodeada pelo carinho e admiração do povo ... » Etc.

Assim se entreteem os academicos, afinal de maneira inofensiva. E na verdade, pª tirar conclusões sobre a obra do Eugenio de Castro, não havia melhor argumento do que aquele do Correia de Oliveira, franciscanamente vestido, cumprimentar com elegancia a Rainha que passava rodeada pelo carinho e admiração do Povo... Como critica literaria é... perfeita.

Para terminar, o Dantas improvisou o discurso de encerramento com um resumo cortado de passos alegres, de anedotas que fizeram rir o respeitavel publico, de comentarios ironicos á peça literaria do Correia de Oliveira, enfim, um embroglio que me pareceu pouco proprio para o seu cargo de presidente e muito menos para a sessão em que se celebrava o Eugenio de Castro. E tudo isto misturado com mais palamaleques para a Igreja catolica representada ali pelo Trind.e Salgueiro, de cortesias para o ministro dum governo a que a Academia tanto deve e de subserviencias p.a com o embaixador do Brasil por conta do grande Getulio Vargas, amigo incomparavel (sic) dos portugueses, etc. etc.

E assim acabou a sessão, no fim de duas horas.

Os filhos do Eugenio de Castro não apareceram. Creio que apenas estava presente uma filha e uns netos.

E assim se vai divertindo a Academia das Ciencias — e faz muito bem.

E antes assim que piór.

Lisboa:

Fevereiro: 13.

Consultei hoje, dia aziago, o medico especialista dr. Cascão de Anciães.

Começou a consulta por entregar á dama que está á entrada, duas notas de 100 escudos, isto é, bem contado, 200$00. E eu era, na tarde, o quinto doente inscrito.

Vamos a ver o resultado. Mas a verdade é que eu já não podia suportar a série impertinente de enxaquecas que me persegue e o constante recurso ao paliativo das pilulas de ginergéne.

Diz ele que tudo vinha da alimentação. Prescreveu novo regime e umas drogas de certa energia.

Vamos a ver, como dizia o cégo.

Coimbra.

Fevereiro: 26.

De novo em casa. A minha vida de nómada continua... Que lhe hei-de eu fazer? Não nasci para gozar o que desejo gozar — aliás, bem pouco era.

Mas vamos adeante. Por desfastio, mandei hoje esta carta ao Hernani Cidade, carta

provocada pelo facto de, no seu Camões Épico ele citar numerosos trabalhos relativos ao Poeta e não citar o meu Camões e as "artes bélicas." Talvez seja impertinencia e mostra de vaidade de autor, mas deixar ir. É possivel que ele conheça o meu ensaio e não lhe ligasse importancia; e assim teria o resultado que aliás lhe não faz mal nenhum... É até possivel que se ficasse rindo e me chamasse parvo.

Tudo póde ser.

Segue a carta que reduzi ao mais breve possivel:

«.... Li ha pouco, com a attenção e o proveito que sempre tiro das obras de V... o volume do Camões Épico. Esta leitura sugeriu-me a ideia de mandar a V... um trabalho meu acerca de Camões por calcular que o não conhecerá. Desculpe V... o atrevimento, mas creia que me assino, com a maior consid.ção, etc.»

Creio que se não póde ser mais curto sem faltar ás regras da amabilidade...

Coimbra:

Março: 5.

Termináram ontem os festejos comemorativos do 50º aniversario do C.A.D.C. (Centro Academico Democracia Cristã).

Os jornais relataram suficientemente a festança do jubileu. Os homens andáram de rabo alçado e com razão.

O Estado associou-se e a Universidade tambem. Tudo convergiu para realçar essa manifestação ultramontana.

Só bispos e arcebispos, contaram-se derasete! Como não hão-de exultar as almas?

Mas o que eu mais notei foi a queda da mascara hipocrita com que a Igreja se coleria nas relações com a actual situação politica. Até aqui dizia a Igreja que nada tinha com a politica do país, que não se metia nela, etc. etc.; agora não: ficou-se sabendo que foi no C.A.D.C. que esta situação se forjou, que foi no dito Centro que a ideia tomou corpo e é nele ainda que se deposita a esperança da ~~...~~ continuação de apoio á mesma, per omnia saecula, sem desfalecimentos...

O cardeal Cerejeira, ao terminar as comemorações, disse com calor:

— Mocidade do C.A.D.C.! Foi ela q. acendeu os brandões que libertaram Portugal! É a vossês que cumpre mantê-los bem acêsos... etc.

As palavras são quasi estas. Basta verificar. No final do volume ha um recorte de jornal com as palavras mais exactamente reproduzidas.[1] Mas a ideia do venerando purpurado está exacta.

Ficámos pois sabendo: os brandões da actual situação politica foram fabricados e acêsos no Centro Acad.º Democracia Cristã, e é a esta agremiação que cumpre manter o fogo sagrado.

Muito bem! muito bem!

Coimbra.

Março: 6.

Ontem esteve aí o Rocha Madail, de tarde, um grande bocado. Teima em eu colaborar na obra que traz em composição das cartas do Joaquim de Vasconcelos para

---

(1) A pag. 366

António Augusto Gonçalves, com uma re-
senha da vida do Conselho de Arte e Arqueo-
logia da 2ª Circunscrição, muito falado nas
ditas cartas.

Eu Lisboa, ultimamente, consultei
no Arquivo do Minist.º da Educação os livros
das actas do Conselho e tirei muitas notas,
A memoria, sómente, já me não dava pa-
ra fazer a resenha e um dia lá fui ao Mi-
nistério onde, por feliz acaso, encontrei os
restos da minha bem organisada secretaria
do Conselho. Restos, apenas...

Eu já contava com a insistencia do
Madail e fui-me preparando. Vamos a
ver se me resolvo a escrever a resenha em
que poderei ter qualquer desacato a respei-
to da minha distribuição...

Coimbra.

Março: 16

Venho cá, a passar as ferias, a Ana
Maria. Saí hoje com ela e pela primeira
vez entrei nos carros Trolley-bus das car-
reiras dentro da cidade.

Notei que, apesar dos poucos dias de
serviço, o bilhete que me venderam tinha

o nº. 29027, de serie A. Vê-se que o meu rimeiro de passageiros é grande.

Pois é verdade: foi hoje a minha estreia nos Trolley-bus citadinos.

Coimbra

Março: 28.

O Hernani Cidade respondeu á minha carta de 26 do Fever.º ultimo, com palavras de agrado pelo Camões e as "artes belicas", aci ma do que poderia esperar.

A carta recebida é daquelas que se podem emoldurar na sala de visitas.(1)

Respondi hoje com esta outra:

«. . . Incomodos de saude teem-me a per breve. Agradeço muito a carta de V... e as palavras tão amaveis e de favor com que me honrou.

«Creia que digo a verdade: senti-me muito honrado com a apreciação feita ao meu modesto trabalho sobre Camões.

«Penso (não sei ainda bº grado) fazer segunda edição; na revisão terei em

---

(1) Ficou guardª na colecção de cartas.

conta as observações de V... acerca do passo do Filodemo.

«Repito: muito e muito obrigado por tudo e peço que creia, etc. etc.»

Segunda edição do Camões e as "artes bellicas"! Quando será isso?

Bons desejos, afinal.

Coimbra:

Abril: 19.

O juiz dr. Gilberto de Beça Aragão escreveu-me acerca da possibilidade duma segunda edição muito ampliada do Dicionario Bibliografico Militar do falecido general Francisco Augusto Martins de Carvalho, seu sogro. E com essa noticia solicitava a minha colaboração não só para a revisão da obra como tambem para um prefacio e quaisquer anotações que se tornassem necessarias.

É claro que fiquei algum tanto surpreendido com a carta. Este juiz Aragão tem sido sempre amavel comigo e correcto em tudo; mas, francamente, não esperava que me viesse bater á porta para tal assunto.

Respondi logo com a seguinte carta que traduz fielmente a sua maneira de ver:

«.... Muito e muito obrigado pela carta de V... Creia que me honro com o convite que, em principio aceito. Lembro, porem, que a minha residencia em Coimbra poderá prejudicar a assistencia necessaria á revisão.

«Muitas vezes, quando conversava no Arquivo Historico com o falecido cor.el Ferreira Lima, nos referiamos ao Dicionario Bibliografico Militar que, em cima duma escrivaninha, está empacotado ha anos. Abordávamos, ambos, as dificuldades da sua publicação e concordavamos em que, dado o atraso em que ele ficou desde o falecimento do autor, haveria duas soluções: ou publicar como o autor o deixou e organizar um suplemento até á actualidade; ou actualizá-lo completamente e isso iria tirar a autenticidade á obra que deixaria de ser, no seu todo, original do falecido general Martins de Carvalho.

«Em qualquer dos casos, porem, o meu parecer é que a actualização não é trabalho

para militares mas sim para bibliotecas oficiais onde haja deposito legal e gente especializada nas tarefas de bibliografia.

« Desculpe V... estas minhas observações que, de certo, lhe terão ocorrido já; mas a maneira tão franca como V... me expõe o assunto leva-me a escrever com igual franqueza.

« A revisão, propriamente, do original, tal como está, deve ter, creio eu, certas dificuldades que exigiriam mais que um revisôr. Enfim, V... pesará todos os prós e contras e dará sempre as suas indicações que receberei com muito gosto.

« Peço a apresentação dos meus respeitos, etc. etc. »

Coimbra:

Abril: 25.

Hoje, passado quasi um mês sem deixar, nestes cadernos, qualquer sinal da m.ª pobre vida, mandei uma carta á Maria Lina, filha do Ferreira Lima

E' a permanente aflição da garretteana e a não menos permanente indecisão acerca do destino que lhe ha-de dar.

E o dr. Costa Pimpão quando me encontra continua a mostrar a natural impaciencia de quem não vê sinal de se chegar ao resultado ancioso esperado.

Emfim... segue a carta

«.... Ha uns dias andava para escrever a V.... Vendo mais que ainda não respondera ao seu postal ultimo, tão atencioso. Queira V.. desculpar.

«Mas ante-ontem encontrei o dr. Costa Pimpão que me deu noticia duma carta com novas com V.. e não quero deixar passar mais tempo.

«Agradeço o cuidado acerca da minha saude. Creio que estou melhor, possivelmente até muito melhor, mas menos assim com certos altos e baixos.

. . . . . .

«Quanto ás causas que trazem o espirito de V... preocupado, volto mais uma vez a dizer que não ha razão de maior para esse estado doentio. Deve V.. possuir o seu espirito pois tudo se poderá resolver com alvitres ou desgostos. Creio eu que a primeira coisa que V.. deve fazer, quer

figue com os livros e manuscritos quer os venda ou entregue, é o catalogo simples de todos eles. O dr. Costa Pimpão disse-me q. procuraria ajudar esse catalogo e aí tem V... uma forma de começar a resolver os problemas levantados.

«Só depois dum catalogo completo se poderá avaliar o recheio das estantes e armarios — e então V.. resolveria como entendesse mais para prestar homenagem á memoria do Pai de V... Ha varias soluções que os amigos e admiradores dele não recusariam auxiliar.

«Sossegue, grim.º que tudo, o espirito e creia que ha sempre remedio para tudo. Minha Mulher vai escrever por estes dias para lembrar a promessa duma vinda até Coimbra quando o mês de Maio se apresentar alegre e florido e as festas academicas alvoroçarem a cidade. E com os nossos cumprim.tos, etc. »

Coimbra:

Maio: 2

Sogue mais outra carta. «A falta de comentarios á vida que passa e corre,

traslado cartas. É uma forma, como outra qualquer de deixar impressões.

A carta q. se segue é para o coronel Alberto Faria de Morais, director do Arquivo Hist.-Militar de quem já aqui tenho falado, creio eu, algumas veres.

«... Recebi ontem a sua separata O cerco de Almeida que me deu muita satisfação e cordialmente agradeço.

«Apenas folheei o opusculo e como uma ou outra passagem a que a minha atenção foi chamada, fiquei com a excelente impressão dum trabalho serio e proveitoso. Bem haja!

«A História da companha de 1762 está por fazer. Ha muitos anos inscrevi na minha agenda (como hoje se diz por influencia da O.N.U.) o projecto dum trabalho critico acerca desses sucessos, tendo pelo encontro de mss. relativos aos mesmos na secção de reservados da Biblioteca da Universid.e. Porem o tempo passou, a vida foi correndo e, como muitos assuntos da dita O.N.U., este foi passando a 2.º plano e hoje está arrumado no sotão bem fundo

onde se guardam, para sempre, os impossiveis.

«Oxalá o cor.l Faria de Morais empreenda a obra. Por uma rapida frase no começo do estudo, parece divizar-se esse seu desejo. Não desista! Está novo ainda e tem tempo para trabalho de fôlego, de mais a mais com material de sobra tão perto e tão á mão. O volume do P.e Sales é apenas contribuição.(1) Não desista, pois — a obra é meritoria e preencheria uma lacuna enorme na nossa historia militar.

«Renovo os agradecim.tos, etc.»

Coimbra:

Maio: 8.

Disse-me um amigo que o embalsamamento do corpo do general Carmona não foi bem feito; presentemente, a urna está deitando máu cheiro. Isto lhe foi afirmado por pessoa que em Lisboa ha dias foi á casa do capitulo nos Jeronimos e sentiu o cheiro particular do apodrecimento.

---

(1) O Conde de Lippe em Portugal, do Ernesto Augusto Per.a Sales, publicado em 1937.

Se assim é, o pobre homem que fez de presidente da Republica mais de 20 anos, e deu a impressão dum equilibrio seguro, estava reservado para simbolo da situação politica a que se prestou presidir.

Por mais brilho que queiram dar a tudo, por maior esplendor com que a queiram rodear — vai tudo dar ao apodrecimento...

E' o destino das Ditaduras — por mais q. queiram contrariar a Historia.

Quem sabe, até, se o pobre Carmona não vem romper o equilibrio fictício e factício em que se vivia ha 25 anos?

As reservas e cautelas q. ha sobre o problema da sucessão e certos zuns-zuns espalhados, assim dão a entender.

Será o começo do fim?

Não é, talvez, natural; mas se é, tudo tem de acabar em podridão.

Esperêmos

Coimbra.

Maio: 10.

Ora hoje vamos lá a caso jovial. Nem tudo são tristezas neste desgraçado mundo em que vivêmos.

Disse-me o Rocha Madail que, quando mudáram o arquivo universitario para o novo edificio, lembrara ao dr. Mario Brandão seu director, que seria de utilidade a publicação do catalogo dos estudantes da Universid. de 1537 para cá, com as datas da frequencia e as da formatura; e acrescentára que isso poderia ser uma especie de comemoração das novas instalações.

O dr. Brandão, fez as mãos na cabeça e respondeu:

— Ora! ora!... Isso era horrivel! Vão me larpar com pedidos de toda a parte, solicitando informações e copias... Não! não cáio nessa...

Se isto é verdade e não quanto seja possivel do Madail, vê-se que o Mario Brandão já está integrado no espirito dos directores dos arquivos portuguezes: o que lá está dentro é só para eles. Ninem quizer que perca o seu tempo a investigar e eles só deixarão ver a publico o que pessoalmente lhes não servir.

E' assim mesmo.

Desde que ando metido por arquivos, sempre assim os encontrei: fechados, difi-

ceis, quasi impenetraveis — e já vejo que assim continuam.

E o mais curioso é que o Madail, que por simples má-lingua contou a facécia, tambem é da mesma raça.

Corja!...

Coimbra:

Maio: 12.

Hoje temos aí o Teixeira de Pascoais em todas as dimensões...

Não compareço a nenhuma das manifestações que a Academia promove porque não estou resolvido a suportar apertões e discursatas apologéticas.

Estamos no tempo das homenagens em vida. E isto dos grandes homens se deixarem homenagear... tem muito que se lhe diga.

Contou-me, aqui no meu escritorio, um rapaz Araujo Correia (filho do medico e literato João de Araujo Correia, da Regoa) que o Pascoais tinha auxiliado muito a comissão promotora da homenagem no que respeitava á exposição bibliografica como, aliás, em tudo o mais.

Então, que diabo! o festejado colabora na festa?

O Pascoais precisa destas festarolas para consolidar o nome?

Lembro-me duma funçanata que, em tempos, a academia reaccionaria fez ao Antonio Correia de Oliveira; este encheu-se de vaidade e embófia e os ultramontanos rejubiláram. Acontecerá coisa identica com o Pascoais? Haverá qualquer intuito oculto nesta manifestação?

Não sei bem o que o Pascoais pensa em materia politica; estes poetas de genio verdadeiramente não teem ideias muito assentes em politica e até em religiões — mas é pena se a vaidade o anda a picar.

O Pascoais não merece tais picaduras.

Coimbra:

Maio: 16.

Deixo aqui a copia duma carta sensaborona que escrevi hoje á professora D. Virginia Gersão, ainda a-proposito duma conferencia que ela fez no Instituto sobre a pobre poetisa Amelia Janny — o cisne do Mondego, conforme a boa tradição.

A carta nada vale. Mas fica como modelo de semsaborias que muitas vezes somos obrigados a escrever.

Aí fica:

«... Recebi ha dias o ultimo volume d'O Instituto onde vem a conferencia que V... pronunciou acerca de D. Amelia Janny. Li-a logo para relembrar o prazer que todos tivémos em a ouvir.

«Porem, deparei com umas referencias á minha pessoa que me confundiram e me deixáram quasi ~~[illegible]~~ arrependido da liberdade que tomei de lembrar a V... certos elementos que me pareceram desconhecidos. E eu, francamente, pregunto a V...: então a lembrança dum pobre verbete merecia tão elogiosas referencias?

«Só se explica isso pela grande generosidade e velha amizade de V...; e assim, a minha quasi inutilidade vai ficar ligada ao brilho e ao valor da conferencia com que V... perpetuou o nome da Poetisa.

«Creia V... que lhe fico m.to grato e que me subscrevo, etc.»

Coimbra.

Maio: 19.

A propósito do Museu Academico que, por iniciação, segundo parece, do Rocha Madail, os estudantes universitarios estão a organizar na sua Associação, os jornais andam a dar conta dos ofertantes — por sinal, diga-se a verdade, bem poucos.

O Madail, é claro, para fazer sobressair a iniciativa, manda para as gazetas umas noticias mais ou menos circunstanciadas. E como pelo dedo se conhece o gigante, lá vem no Diario de Coimbra de hoje um louvor á sua pessoa com menção de outros ofertantes entre os quais eu, como me vê pelo recorte junto. E fica aqui o recorte para se ver como os ofertantes são tratados: tu cá tu lá, de igual para igual, sem a costumada e normalissima cerimonia.

> Também o coronel Belisário Pimenta, já entregou no Museu Académico uma valiosa colecção de folhetos, fotografias, jornais, ilustrações e outro material que vai ser exposto.

Aquele Madail vale muito dinheiro... Agora anda ás voltas com o Museu Académico para qualquer dia se zangar com os rapazes e abandonar a iniciativa.

Coimbra

Maio: 22.

Ontem, exequias na capela da Universidade, pelo pobre Carmona que, oficialmente, morreu no seio da Igreja católica.

Digo oficialmente porque, enquanto esteve em seu juizo, o Carmona recusou sempre amavelmente a interferencia da Igreja. Isto me foi ainda ontem afirmado por um eclesiastico de categoria da diocése que não levou a bem a comédia final. Quando o velhote entrou em côma, não só a mulher como membros do Governo entre os quais o Santos Costa que parece não largou a residencia, chamáram o conego Honorato de Mendonça que, com representação do cardeal Cerejeira, procedeu ás cerimonias necessarias para bem morrer.

E assim morreu o velho livre pensador e maçon que, vá lá! se aguentou enquanto enquanto pôde no balanço final. Mas pareceria mal que o Presidente desta nação fidelissima morresse impenitente. E não tiveram duvida em representar a comédia em que a Igreja católica é sempre eximia.

Enfim... Adeante.

Por esse país fóra vai um afan formidavel pelo eterno descanço do velhote. Não ha aldeola perdida onde se não rezem missas, continuamente, com assistencia das autoridades e da petizada das escolas. Parece que ha empenho em aplacar qualquer má vontade divina contra os deslizes cometidos pelo pobre marechal honorario...

Pois ontem, a Universid.e não faltou ao seu dever: na capela privativa celebraram-se exequias solenes e fez o elogio funebre o P.e Pinto Carneiro que aí é advogado da Câmara Municipal e anda muito na moda pelos seus discursos transcendentes.

Não conheço este padre, nem de vista; porem o excerpto que o Diario de Coimbra hoje insére, deixa qualquer mortal em duvidas acerca dessa transcendencia. O excerpto a q. me refiro fica arquivado por curiosidade[1]; a amostra, embora pequena, é, na verdade, curiosa. Como diabo se dizem coisas destas numa capela universitaria, perante o corpo docente universitario e gente graduada

---

[1] A pag. 367.

F - 40

da terra? E á gazeta, como querendo ainda acentuar, anota o «acentuado lirismo» do discurso para concluir com as «alvoradas virginais...»

E aí está como se forma uma lenda ao redor de homens que são fundamentalmente simples e que só o acaso, por bem ou mal notável, elevou á categoria dos «meninos inacessíveis...»

Emfim, os tempos que correm ainda vão para mais novidades destas: «meninos inacessíveis... alvoradas virginais...»

Mas a verdade é que o jornalista foi transcendentemente cómico.

Coimbra:

Maio: 24.

Houve hoje aí a procissão do Corpo de Deus que me passa, habitualmente, quasi á porta. Não resisti e desci a rua para ir ver a manifestação.

Na realidade, a coisa sobe e sobe muito. A procissão, muito diferente do que era antigamente, foi contudo uma grande manifestação reaccionaria. Não ha duvida nenhuma que esta m.ª afir ma-

ção não é exagerada; e se não foi novidade para mim, no entretanto, devo confessar, fiquei um pouco atordoado...

E a verdade é que o caso se nota, ás claras, pelos olhos.

Agora, o exercito entra ás escancaras nas manifestações a que por eufemismo todos chamam «de fé.» Atraz do júbilo, entre as vaidades civis e judiciais, ia um pouco numeroso de oficiais fardados, em grupo compacto. E deu-me na vista um deles, que não conheço, cheio de medalhas, que procurava espaço em frente para dar mais na vista; era tenente-coronel ou coronel e ia com ar pateta, como quem queria que lhe vissem o feito costelado....

Não ha duvida: a Igreja teve razão, a pouco e pouco, dominar; a duvida ultramontana sobe e vai subtilmente esmagando as resistencias.

Até lá, pateta e apesar de todas as suas afirmações, o dr. Costa Rodrigues, secretario geral do Governo Civil. Ia em nome do Governador, é certo; mas a verdade é que lá ia, de casaca, e com toda a compostura...

Coimbra:

Junho: 1

Ontem, em Lisboa, houve reunião dos cursos que em 1900-1901 entráram na Escola do Exercito. Comemoração do meio seculo...

Do curso de Infantaria a que pertenci, apenas doze compareceram; os desoito da reunião eram completados com um engenheiro civil, dois artelheiros e tres de Cavalaria.

O destroço que cinquenta anos teem feito!... O que resta de cento e tantos rapázes matriculados em 1900!

Ora hoje, no caminho, enquanto o comboio galgava os duzentos e tal quilometros de distancia, puz-me a pensar nos doze condiscipulos que apareceram e não resisti a fazer um exame rapido de cada um.

A reunião foi agradavel, correu sem nuvens, com alguma alegria até; houve certa homogeneidade, apesar da diversid.e de caracteres e mentalidades; houve a tacita aceitação das realidades que o mesmo é dizer da velhice.

E, que Diabo!... o que lá vai, lá vai!

E parece, realmente, que o que lá vai, lá... foi! Almoçaram copiosamente quasi todos o que provou a excelencia do respectivo aparelho digestivo; e os pequenos nadas que separáram alguns, em tempos idos, ficáram naturalmente afogados nos belos vinhos (que eu não bebi) que desapareceram rapidamente das garrafas.

Adeante. E antes assim.

Quantos faltarão á proxima reunião festiva?

Ora o exame que fiz aos condiscipulos, aqui fica pela ordem de antiguidade do curso:

1) Helder Armando dos Santos Ribeiro: Sempre a mesma creança. Alegre e optimista. Espirito confiante, talvez pouco capaz de ver bem a realidade. Honrado e cheio de boas intenções. Era o nº 6 na escala dos aspirantes.

2) Alberto dos Santos Pereira Monteiro: o dr. Tinturas, de alcunha. Com a capa de bom rapaz sempre e acima de tudo interes

25/3

seiro, calculista. Nunca deu ponto sem nó. Muito rico, é avaro. Sua política foi sempre oportunista, sem qualquer crença séria, além da das suas conveniencias. Em certos passos da vida, velhaco. Era o nº 8 do curso sem q. para isso tivesse qualquer mérito; chegou lá pelas muitas habilidades que teve para triunfar na vida.

3) Luis José da Mota. Nº 10 do curso, com certos direitos pelas qualidades militares ingenuas. Pouco inteligente mas muito trabalhador. Soube sempre governar a vida pondo de lado escrupulos de consciencia que naturalmente nunca teve. Foi grosseiro o que quiz mas não chegou a general — o que foi, para as suas ambições, o maior golpe da vida pois tudo o que fez levava esse fito.

4) Alberto da Silva Pais: nº 18 do curso. Inteligencia muito viva; caracter de rija tempera. Homem serio, esforçado. Fala muito pouco com o punho fechado, de modo nervoso. E' um incansavel e nesta parte muito irritado. Anti-clerical sincero.

5) Arnaldo da Silva Douwens, o nº. 28. Ordinario, creatura sem educação. Trabalhadôr, com pouca inteligencia e creio que sem preocupações de caracter. Reaccionario que se conseguiu equilibrar á custa de transigencias.

6) Raul Silvão Loureiro, o nº. 30, o Pinga-Amôr por alcunha. Sempre correcto, muito cuidadoso do seu fisico, impecavel no trajo quer civil quer militar, levou a vida a direito com fama de bom moço e de pessoa indiferente á politica e leal com todas as situações, mas inquestionavelmente monarquico, reaccionario e com aversão sincera á Republica. Soube captar com habilidade e foi chefe duma repartição de responsabilidade no Ministerio da Guerra com ministros democraticos, na qual fazia a sua politica sabiamente encoberta. O salvadôr 28 de Maio de 1926 veiu integra-lo no seu verdadeiro elemento. De-mais, pouco inteligente e bastante inculto.

7) Julio Garcês de Lencastre, o nº. 42 do curso. Pouco inteligente mas dotado de esper

Terra, dessa esperteza que, ligada a uma certa dose de audacia, levam a triunfar na vida com mantapeus. Com qualquer especie de ideias ou principios, vem-se governado bem, embora se deva dizer que na sua vida de colonial vem prestado alguns serviços com sinceridade.

8) João Passos Pereira de Castro Junior o nº. 48 do curso. Bom homem, boas intenções, pouca inteligencia. Passou pela vida sem deixar sinal, alem das alegres facécias e uma aparente boa disposição. Esteve pioneiro na Alemanha em 1918, depois da acção de La Lys; pois nenhum desse periodo tira motivos para anedotas. Bom chefe de familia, enternecido com os filhos e netos.

9) Eurico de Campaio Caturio Pires, nº. 54 do curso. Temperamento vibratil, inteligencia viva, com aprumo. Daqui veio que nas escolas era republicano; depois, em Caçadores nº. 5, a convivencia com os reis e gente de côrte, levou-o á monarquia e daqui ás campanhas do Paiva Couceiro. Soube sempre suportando as contrariedades com dignidade

seus curvaturas, como muitos. Nos estudos de História militar tem mostrado critério e bom juízo.

10) Mauro Otaviano Carneiro de Azevedo, n.º 67 do curso. Caracter brando, sem arestas. Ao modo vício. O que se diz, vulgarmente, um bom rapaz. Casou rico e tem levado a vida sem encontrões, sempre preocupado com a boa administração da casa e em não quebrar o equilíbrio de bem viver. Creio que será daqueles que se podem chamar felizes. Sem ambições (que os dois irmãos tiveram) mantem, aos 70 anos, a tonomia e até quasi o aspecto físico dos trinta anos — como se estas décadas de anos passados, agitadas e tremendas, não lhe tivessem galgado por cima.

11) Mario Silvio Ribeiro de Menezes, o n.º 74 do curso, se me não engano o penultimo. Inteligente, vivo, alegre, teve mocidade toda a vida a sua fama de não te rales mas ao mesmo tempo levando honradamente (mas corretamente) a agua ao seu moinho. Magnífico, sempre, atravessou o período re-

publicano sem grandes complicações, um pouco á custa do seu espirito de laracha e a fama de bom rapaz que nas escolas o impunham, como aliás ainda hoje, á simpatia geral. E, pode dizer-se, simpatia justificada sem favor.

E aqui ficam rapidas impressões dos convivas do almoço, que pertencem ao curso — o que não quér dizer que não sentisse, do mesmo modo, certa satisfação em os ver reunidos

O que lá vai, lá... foi, disse eu acima. E assim deve ser. Uns são mais queridos do que outros — mas, enfim! oxalá os encontre a todos para o ano que vem.

Coimbra:

Junho: 10

Dia de Camões. Grande gala. Feriado. Etc. etc. Este ano, porem, Camões foi substituído pelo campeonato de foot-ball...

Uma festa que a Associação Academica queria hoje fazer, foi adiada para o dia 17 proximo; e foi substituida (e com maior vantagem) por uma solene procissão de

creadas de servir em honra da Senhora de Fatima.

Fui ver a manifestação: na verdade, aquilo representa uma formidavel organização clerical. Dizem os jornais que vieram de Fatima até aqui umas 4:000 servigais arregimentadas na chamada ordem de Santa Zita; é possivel: o cortejo, que eu vi passar, era infindavel e acompanhado por um pelotão de padres que exerciam a policia e davam o tamiré para orações em voz alta e certos canticos religiosos.

Tudo aquilo que me foi dado ver impressiona um trabalho de papa enorme, uma forte organização de que só o clericalismo é capaz. Os liberais não querem isso ou não querem ver; em regra riem-se e levam o assunto para a facécia.

Pois deviam ver e, a valer, com olhos de quem se não quer deixar enganar.

Coimbra:

Junho: 13.

Ontem, no Instituto, houve conferencia proferida por uma senhora D. Maria Bracklamy Barjona de Freitas, acerca de Os

livreiros quinhentistas na sua irmandade. O trabalho lido foi interessante e reveladôr de novidades para a história dos livreiros; vai ser publicado na revista da casa e verêmos com vagar o assunto para melhor o apreciar.

Mas o curioso de tudo é que esta senhora, hoje redactora do jornal católico A Voz e muito atenta, veneradora e obrigada perante a situação actual, é, nem mais nem menos do que a celebre D. Maria Arade de ha trinta e tal anos, a revolucionaria e inconformista Maria Arade, a impulsionadora feminista de quem, ao tempo, se contavam histórias e historietas.

Este mundo, realmente, dá muita volta e muita reviravolta...

Passam hoje doze anos sobre o meu chumbo no Estado maior.

E ninguem o ha-de dizer...

Coimbra:

Junho: 20

Hoje de manhã, ao tomar o meu chá com torradas habitual, entrou-me O Pri-

meiro de Janeiro pela porta dentro com a noticia da candidatura á Presidencia da Republica dum certo general Francisco Higino Craveiro Lopes, proposto pela chamada União Nacional.

Senti não sei que impressão de assombro e tão desagradavel que as saborosas torradinhas me iam causando engulhos. Sem querer, murmurei:

— Que vergonha!...

E assim vamos. Em Portugal não se encontra um homem capaz de assumir o cargo, alem deste desconhecido general. É bem triste.

Como é que foram descobrir esta creatura — demais a mais general?

Coimbra:

Julho: 6

Hoje, em conversa com o Eduardo da Cunha Oliveira, no seu escritorio, como viesse a talho de foice a proxima eleição presidencial, expoz-me ele o seu criterio fundado em informações que devem ser boas, dadas as relações que ele tem com altas figuras da situação actual e da catolica.

Em resumo:

O padre jesuíta Miguel de Oliveira, de Santo Tirso, um dos inspiradores da política actual, dissera há pouco ao irmão, o dr. Augusto de Oliveira que era necessário «arranjar caminho», que se vinha andado mais do que seria conveniente; e ainda acrescentou que o grave problema de agora era o de uma saída airosa para o Salazar.

Ora o Eduardo de Oliveira raciocinou e com certa justeza que a melhor solução não seria a escolha do Craveiro Lopes mas sim a do almirante Quintão Meireles que afigurou como opositor àquele.

Perante um gesto tão de incredulidade, o Eduardo de Oliv. continuou: o Craveiro Lopes não é creatura para se entender com o Salazar; e como por detrás dele anda um grupo de generais que tem querido impôr modificações na política em pendido mais liberal, pode acontecer que de um dia para o outro ele o empurre para a oposição e o mande cavar batatas. Com a vitória do Quintão Meireles, o caso era diferente porque, afirmando a actual situação que se vive em perfeita democracia, o Sala-

zar sairia de pé, garante a vontade do sufragio livremente consentido, etc. etc.

Isto é realmente subtil e proprio da Companhia de Jesus.

Mas eu vire logo a reacção:

— Meu caro Oliveira: se os jesuitas se metem nisso é caso resolvido; mas... com franqueza, acho a <u>escuta</u> grande de mais!

Ele insistiu: a solução vai por ahi, e não póde haver outra; os padres estão a receber ordens nesse sentido e a Uniao Nacional ficará escangalhada...

Vamos a ver. Mas eu continuo a dizer que a <u>escuta</u> é grande de mais. E, francamente, francam.te... não acredito.

<u>Coimbra</u>:

Julho: 10.

Hoje, na Livraria Gonçalves, na Praça da Republica, quando entrei, estavam o João Manuel Bairrão Oleiro com outro individuo que não conhecia mas que já vira em qualquer parte.

O Oleiro, como sempre, veio falar-me com certo ar de reverencia; estava em Coimbra em missão de estudos e deu-me essa

informações com ares superiores e de certo mistério; trocáram-se cumprimentos e os dois saíram juntamente.

Quando transpunham a porta, o Gonçalves disse-me:

— Este é que é o Reis Santos, o novo director do Museu...

Sem querer, fui á porta para ver melhor o homem e vi-o parado, a pouca distancia, a ouvir o Oleiro que apontava para a livraria. Lembrei-me que este falasse de mim; a maneira e os gestos eram de quem indicava que havia alguem no estabelecimento a quem se faziam referencias.

Recolhi logo para ele que queria; e na verdade, acto continuo, entrou o Reis Santos, de chapeu na mão, reverentemente, e apresentou-se...

Mal pude — dizia-me ele — pelo Oleiro que eu estava ali, quiz conhecer-me, apresentar-me as suas homenagens e solicitar ~~[illegible]~~ a minha colaboração na obra que vai empreender como director do Museu de Machado de Castro; acrescentou que vai procurar dar vida ao Museu dentro das regras da moderna «museologia», abrir

uma sala para investigações e estudos, aumentar a biblioteca, promover conferencias, etc. etc. E contava comigo para isso tudo.

Enfim, ainda com o chapeu na mão, desfez-se em amabilidades e cortesias.

Mas não gostei do homem. Achei-lhe um ar exquisito, untuoso, melifluo, sem olhar para quem fala, com expressão que parece não corresponder ao que vai dizendo, um todo de Oscar Wilde que me deixou duvidas acerca de possiveis táras.

Depois... a companhia do Oleiro que surgiu com ele em Coimbra...

Este João Manuel Oleiro deu-me sempre a impressão duma creatura equivoca, efiminado de mais, com olhar incerto, sem se fixar, tambem, no interlocutor. Era protejido no Liceu de Faro pelo Falcão Machado; ultimamente em Lisboa pelo Cordeiro Ramos — e assim, com estas protecções e estas amizades, se radicáram no meu espirito as suspeitas de taras muito exquisitas. Enfim, isso é lá com eles quatro e q. tirem muito bom proveito... Não me meterei na vida alheia.

F-42

O que eu aqui quero notar é que o dito Reis Santos procura ou parece procurar o apoio dos sobreviventes do antigo grupo que rodeou o Ant.º Augusto Gonçalves e ainda dos que lidaram com o Virgilio Correia. Durante a conversa, até, disse-me que sabia que eu fui um dos amigos íntimos dos dois e isso era uma das razões para me cumprimentar e esperar que eu continuasse a frequentar o Museu e, em breve, as vais salas de estudo que ele juntou à minha disposição.

Sou, pois, na opinião do Reis Santos, pessoa notável nas artes. Pode ser que assim seja; mas se assim for, quero crer que a História ainda m.to errada...

Paz: Mafra.

Julho: 15.

Hoje, os jornais trazem cheios as declarações que o Craveiro Lopes, candidato à Presidencia, fez ontem jornalistas estrangeiros que lhe tinham formulado perguntas — algumas muito de algibeira.

Fiquei com a impressão de que um ou outro teria chuchado com o homem; não

sei se assim seria mas a natureza das perguntas leva a essa suspeita.

Ora uma das declarações do illustre candidato deu-me no gôto: é aquella em que dá a entender que o soldado deve estar sempre prompto para tudo e apto sempre a ser tudo o que lhe exigirem, até Presidente da Republica — apesar de dizer que na sua vida apenas cuidou em se preparar para o desempenho das funcções que mais se ajustavam á sua educação e ambiente familiar da sua infancia. Mas a verdade, acrescentou, é que o soldado deve estar sempre preparado para as funcções mais dificeis pois como a base verdadeira e solida da educação militar é servir, servir sempre e o melhor que puder, segue-se que encontrou em si a fortaleza de animo sufficiente e a coragem moral necessaria para aceitar as responsabilidades que competem a um chefe de Estado.

Isto, traduzido e levado por esses fios e sem-fios fóra, deve causar certo gaudio aos finos observadores estrangeiros. Continuá-mos, como se vê, a considerar o exercito manancial de homens dotados de todas as qualidades essenciais para a politica. A far-

da é o capelo e borla suficientes e necessarios para tudo; e a educação militar a verdadeira pedra de toque do Civismo...

Poleres Titeres!

Sabem tudo, pelo visto; só não sabem que são manejados com habilid.e e astucia, que a roupêta da Companhia vale mais, muito mais, do que todas as fardas reunidas e multiplicadas.

Enfim. Vamos ver.

Paz: Mafra.

Julho: 22.

Dia de eleições. E' hoje votado o general Craveiro Lopes p.a a Presidencia, por 99% dos eleitores.

Nestas minhas meditações, aqui, isolado como estou, penso ás vezes:

— Como diabo é que foram descubrir o Craveiro Lopes? Mesmo para o fréte que lhe impuzeram, não haveria outro?...

O almirante Quintão Meireles desistiu nem poderia fazer outra coisa. O Patrão, o homem de Santa Comba, falou ha dias perante multidão escolhida e, segundo o costume, fez discurso subtil, cheio

de ironias para as oposições, com reticências jesuíticas próprias da sua oratória, como de homem que sabe muito bem que da assistência não sái um «não apoiado!» e que na imprensa não aparecerá uma palavra contraditória.

Afinal, uma forma de covardia como outra qualquer, com a agravante de se basear na força.

Neste momento em que escrevo, passam na estrada umas carrinhetas descobertas cheias de homens que cantam, desafinadamente o hino nacional. São eleitores, são os que não dão os 99% de percentagem eleitoral, levados assim alegremente para cumprir o «sagrado dever...»

A comédia de sempre, dir-se-ia com verdade; mas agora levada á quinta essência da perfeição como, entre nós, nem os Calabraios poderiam imaginar ha coisa de seculo e pouco.

Vamos a ver o que sái da Trafulchata. O grupo de generais que disse estar por detraz desse eminente e daqui a horas nem saudo Craveiro Lopes, será capaz de fazer alguma coisa em proveito de todos? Serão

eles haveres para arcar com a sanha do Jesuíta, aproveitando as lições do proximo passado?

Duvido muito. Mas enfim... vamos a ver. O tempo dirá.

Lisboa:

Julho: 31.

Afinal, pelo que aqui oiço a gente que está mais proxima dos sucessos e dos haveres, parece que todas as hipoteses atraz formuladas acerca da escolha do actual Presidente da Republica, são simplesmente fantasia.

Depois de varios escritos a este e áquele general, o venerando Craveiro Lopes sentiu-se com ganas de ser Chefe de Estado.

E parece que é só isto.

Assim será.

Paz: Mafra:

Agosto: 7.

O Sr. Manuel Monteiro ofereceu-me um exemplar do seu ultº trabalho A Igreja de São Tiago de Coimbra. Agradeci-lhe com a carta que se segue:

«.... Depois duns dias em Lisboa, vim encontrar aqui o opusculo sobre A Igreja de S. Tiago de Coimbra com que V... me quiz honrar. Li-o logo com a atenção com que leio sempre os trabalhos de V... : valiosa monografia feita com criterio seguro, é bem uma lição de Mestre que me deixou a impressão de trabalho definitivo.

«Ainda bem q. V... veiu dar essa lição muito necessaria geradora julgamentos em q. mais entra a vaidade do que ciencia e com ciencia. Queira V... acreditar que me senti muito honrado com a oferta e que me subscrevo, etc. etc. »

Paz: Mafra:

Agosto: 31.

Uma cunhada do meu genro Cristovão de Sousa Lima que veiu ao continente e regressou á Terceira no vapor de 8 deste mês, encontrou, como companheiro de viagem, o dr. João Porto, catedratico de medicina em Coimbra, que ia passear ao arquipelago açoreano.

Essa senhora accrescentou aos cunhados referiu-se ao conhecimento travado com

o professôr e desvanecida com a familiaridade de viagem dizia: «... o catedratico "João Porto que me falou com grande encó-"mio dos trabalhos literarios do sr. coronel...»

Ainda bem que os meus trabalhos literarios são apreciados pelo catedratico conimbricense!

A verd.e porem é que isto tudo é o que se chama falar por falar.

Paz: Mafra:

Setembro: 2.

Mandei vir o 5.º volume do Diario do Miguel Torga.

O Cristovão leu-o e eu percebi que não gostou por certos comentarios que lhe ouvi, comentarios talvez incompletos por cerimónia para comigo.

Ora o Miguel Torga e o Cristovão Lima são homens da mesma idade; e no entretanto, que diferença de mentalidades!

O Cristovão quero crer que não compreende o Torga; o individualismo deste e a ancia de liberdade que transparece em todas as paginas são pouco compreensiveis para o vago conformismo daquele.

Duas mentalidades creadas na mesma epoca; mas o temperamento diverso fizeram-nas, talvez, divergir: o açoreano jacato, com certa dose de indolencia trazida do murmurhar monotono do mar da costa norte de S. Miguel onde nasceu e se creou, não lipa com o transmontano de S. Miguel de Anta, duro e independente.

Dois homens diferentes dentro da mesma epoca, estudantes universitarios na mesma Universidade, ambos espectadores inteligentes dos mesmos cenarios politicos interiores e exteriores.

Lisboa:

Outubro: 3

Ha um mês que deixo em paz este folhetim diario. E ha sempre tanto que dizer!

Ora hoje só direi que completo 72 annos de existencia... Setenta e dois, é verdade.

Commentarios... para que?

E que hei-de eu fazer? De que servem protestos e commentarios?

Pois que corra o tempo e que me leve onde o mesmo destino.

Paz: Mafra:

Outubro: 5.

Aniversario da proclamação da Republica. Dia bom para meditação, ou, como dizem os catolicos, para exame de consciencia. Eu creio que não terei grandes culpas para confessar.

Não estarei isento, possivelmente. No entretanto, não serão grandes.

Os jornais principais, hoje, nos seus artigos solenes dão a entender que a revolução de 1910 foi feita para se chegar como naturalid.e ao 28 de Maio de 1926. O destino, a Providencia, o Grande Motor da caranguejola terraquea assim prepararam os successos; e ficámos sabendo que o «5 de Outubro» foi o natural precursôr do «28 de Maio...»

Adeante, adeante.

Par: Mafra:

Outubro: 14

Ontem, Fatima, com grande ruído e pompa. Triunfo completo da Reacção, a, pode dizer-se, [redacted] triunfo que a dita Reacção não occulta.

E teem razão. A onda cresce á vontade, acarinhada e até protejida pelo Estado. Como não hão-de os ultramontanos cantar vitoria alegremente?

Ontem, 13 de Outubro, mais um dia festivo para a Reacção triunfante. E assim vamos andando.

Paz: Mafra:

Outubro: 17.

A revista Vertice, de Coimbra, convidou-me para colaborar no seu proximo nº. 100, que sairá em Dezembro. O oficio do convite era m.to amavel; e eu tive que responder com equivalentes amabilidades:

«... Creio ter já dito pessoalmente a V... que os velhos como eu não devem colaborar numa revista de novos — e de novos com o valor de todos os seus colaboradores. E a amavel insistencia para a minha colaboração não me leva a pôr em duvida a autenticidade da m.ª certidão de idade...

«Não: creiam, eu sou um velho que não tem direito a emparceirar com a pleiade brilhante da Vertice.

«Mas... pensando que não tenho, tambem, o direito de recusar a amavel solicitação com que me querem honrar, venho responder com franqueza que procurarei mandar qualquer pequeno artigo que, de certo, vai soar a rachado no meio da brilhante colaboração que encherá o nº. 100 da Vertice.

«Ha, porem, apenas uma duvida: o q. desejaria mandar só em Coimbra poderei fazer e só regressarei a mª casa na primª quinzena de Novembro. Irá a tempo? Se fôr, poderão contar com qualquer pedaço de má prosa.

«E com os meus agradecimentos, etc.»

Desejaria fazer um artigo cujo titulo poderá ser Napoleão visto por Balzac. Será obra superior ás minhas forças? O assunto já me tem tentado e, agora, se tiver tempo e disposição, vou procurar escrever qualquer coisa.

O piór são as minhas hesitações, as duvidas do exito. E demais a mais para revista de rapazes novos e de valor.

Paz: Mafra:

Outubro: 18

Tanta coisa para comentar e eu com tão pouca disposição para isso!

Só Fatima, com o encerramento do Ano Santo (o ano santo!...) quantas paginas daria?

Vitoria verdadeira e indiscutivel da Reacção; vitoria tambem verdad.ª e indiscutivel do Estado-Novo.

Onde irêmos parar? Até que ponto subirá a onda negra que já não disfarça e se mostra ás claras?

Tremenda quadra esta!

Vaticano dum lado, como polvo que aos poucos vai lançando, com subtileza, tentaculos seguros; o Kremlim, do outro, esquentando os espiritos, acenando com a Felicidade na terra...

Onde irêmos, onde irêmos?

Lisboa:

Outubro: 21.

Mais uma vêz na capital do Imperio... E hoje, ao voltar duma esquina, na avenida de 5 de Outubro, esbarrei com o Augusto Ca-

simiro, o Soeiro-Soldado. Abraçámos-nos com certa comoção. A velhice tem destas coisas... E a conversa foi animada.

Contou-me vários episódios da sua vida entre eles o da punição de 30 dias de prisão que o Santos Costa lhe deu por frases proferidas num comício em Torres Vedras quando se tratou da eleição do Norton de Matos para a Presidência da República.

E mais coisas, mais coisas que não fui capaz de reter na memória mas que me alturdiram um pouco por perceu prova da situação a que chegámos com a política da actualidade.

O que me deixou até certo ponto admirado foi a juventude do Casimiro: branco no cabelo, a cara um pouco enrugada, mas sempre o mesmo vivo e alegre alferes que eu conheci em Mafra, em 1930, no recrutamento, era ele aspirante na Escola Prática de Infantaria. O seu aspecto e a vivacidade com que fala não deixam transparecer os muitos trabalhos e certas amarguras por que tem passado.

Bom feitio! Quem me dera poder fazer o mesmo!

Ora a propósito da observação que lhe fiz acerca dessa sua boa disposição de espírito, contou-me ele:

Ia tempo, encontrando na rua o general Carreiro de Albuquerque, este lhe disséra:

— Vossê, Casimiro, está ainda o mesmo rapaz!

Ao que o Casimiro respondeu:

— Que quer o General? Se eu fiquei para sempre o «capitão da Flandres?...»

Daí a pouco, ao continuar no seu caminho, encontrou o general Eduardo da Costa Ferreira, já pouco falecido; como achára graça ao episodio, o Casimiro contou-lho e acrescentou que ficára com a impressão de q. o Carreiro de Albuquerq. não gostou da replica por haver parecer pirâda directa.

O Costa Ferreira, rindo, com bonhomia, observou então:

— Vossê, Casimiro, ficou «capitão de Flandres» e está bem assim; mas eu e outros de m.ª patente temos engulido muito sapinho para sabermos ser generais «de folha de Flandres...» E fique-se com esta, meu caro Casimiro.

E com este caso picaresco e muitos outros, a conversa levou os seus tres quartos de hora — com promessa de continuação, para o Natal, quando voltar a Lisboa.

Assim será.

Paz: Mafra:

Outubro: 23.

Ontem, solene trasladação do Alfredo Pimenta para Guimarães, com assistencia das Infantas irmãs do pretendente D. Duarte Nuno, dos representantes da causa monarquica, etc. etc.

Manifestação, na verd.e, de peso.

Falou o Costa Pimpão que fez o elogio funebre. Deve ser curioso o elogio, a avaliar pelos extractos dos jornais; referindo-se á conversão religiosa do Pimenta, citou o ano da conversão: «... o ano redentor de 1914 "... porque nele se abriu a inteligencia por"tuguesa á promissôra luz do Integralismo "Lusitano...» Etc. etc. etc.

E depois, o dr. Alberto Ramires dos Reis que não sei quem é, tambem largou discurso que terminou: «A independencia "do seu espirito e a evolução coerente do

"seu pensamento ficam como exemplo vi-
"vo de quanto póde a probidade intelectual e
"moral. » Etc. etc. etc.

Comentarios... Não seria dificil fazê-los; mas valerá a pena?

Adeante.

Paz: Mafra.

Novembro: 11.

Grandes coisas vão passando e eu sem vontade de as registar e comentar!

Morreu a rainha viuva D. Amelia, já velha, com 86 anos; e o País todo, de norte a sul, desde a capital á mais sertaneja aldeiola, chóra com grossas lagrimas a perda da excelsa princesa, modelo de virtudes e anjo de bondade...

E' curioso este caudal inexgotavel de lagrimas que se prestaria a comentarios se eu tivesse disposição para isso.

Pois desde o Governo com o cardeal Cerejeira associado até a todo o fiel patife que rasteja cá por baixo, as homenagens são prestadas com impudôr — sem contar com as centenas de missas resadas por alma da morta.

Adeante.

Talvez aqui deixe um dia, quando vier vagar, escrito o que sei a respeito da excelsa rainha, boa discipula dos jesuitas e um dos grandes fautores da Reacção em Portugal nos fins do seculo passado e começos do actual.

Mas para isso é necessario ter vagar e paciencia; e a Historia não gosta com as revelações.

×

Ora ontem houve mais um caso, pequeno afinal, mas que é bom sinal dos tempos.

A Sociedade de Geografia abriu o seu ano cultural com pompa solene presidida pelo Presidente da Republica e assistida pelas chamadas «altas individualidades.»

O orador foi o Alberto Xavier, o intransigente da questão academica de 1907, o republicano de 5 de Outubro que alcançou logo, por mercê do Alvaro de Castro, o cargo de director geral do Ministerio das Finanças, de deputado, etc. etc. Foi um dos homens do grupo do Alvaro de Castro do qual, creio, foi condiscipulo na Universidade; e se não chegou a rei-

nistro foi porque a sua côr tisnada de mais, mixto de raça preta e raça india, o não recomendava muito.

Esta situação politica actual teve-o preso muito tempo não me lembro já por que motivo e só foi solto, dizia-se, por interferencia da casa Fonseca, Santos & Viana com a qual o Governo queria negociar não sei o quê. Contava-se até nos cafés da baixa de Lisboa, em tom de laracha, que esta interferencia da casa bancária fora o «resgate do Principe Negro...»

Larachas de mistura com negocios provavelmente escuros.

Ora este Alberto Xavier (de quem, diga-se, eu nunca gostei) começou o seu discurso por exaltar a presença do Craveiro Lopes a quem dirigiu cumprimentos mais do que protocolares; e dirigindo-se ao cardeal Cereijeira que estava em lugar especial, embora como ouvinte, exalçou a sua alta figura intelectual de sacerdota e professor, etc. etc.

O estupôr!...

Parece que, no fim de contas, todo o cerimonial da noite foi arranjado propositadamente para a conversão de mais um arrependido. A apresentação do orador feita pe-

lo dr. Moreira Junior, presidente da Socie-
dade, a presença solene do Cerejeira e de
Paulas «altas individualidades» parece-
me que não foram mais do que o cenario
preparado para o publico arrependimento
dum criminoso.

Assim seria.

Paz: Mafra.

Novembro: 13.

Em Braga celebrou-se o centenario de
Francisco Sanches, bracarense prodigal,
baptisado na igreja de S. João do Souto, con-
forme diz uma lapide recem posta numa das
suas paredes e inaugurada com solenida-
de oficial.

Concorreram á celebração professores
das tres universidades participantes, da de
Toulouse e especialmente de Montpellier on-
de Sanches foi professôr.

Está tudo muito bem.

O que, porem, achei notavel foi o quasi
segredo com que se preparou a celebração e
ainda está partir da Faculdade Pontificia de
Filosofia, de Braga (que é orgão da Companhia
de Jesus) a que, evidentemente se associou

a Câmara Municipal e mais organizações locais.

Francisco Sanches, segundo os discursos, foi discípulo, em Braga, dos jesuítas e certamente por isso a Companhia tomou a iniciativa.

O Governo fez-se representar na sessão final pelo Sub-secretário da Educação, um sr. Veiga de Macedo que discursou largamente. Esse discurso que foi lido e ouvido bem pesado, chegou-nos a estas paragens pela radio. Francisco Sanches pouco encheu a oração ministerial; foi apenas o pretexto para a exaltação velada da actual situação política e da sua reaccionaria que se vê se vender pelo mundo. E levou o exagero até afirmar perante estrangeiros cultos que nos preservavam universidades, que nós, os portugueses de hoje somos necessarios ao mundo actual para a defesa da civilisação cristã...

E coisas equivalentes.

A civilisação cristã!... E' este agora um dos bordões a que esta gente se agarra; por tudo e por nada, atiram-nos á cara com a civilisação cristã...

Mas, enfim, o melhor é ler nos jornais o discurso. Vale a pena, para se ficar a fazer melhor ideia do pensamento destes homens da governança.

Coimbra:

Novembro: 26

Estou em casa desde ante-ontem. Finalmente. Como desabafo mandei à Ana Maria a seguinte epístola em verso q. deixo aqui por curiosidade:

«Ai adeus, acabaram-se os dias
Em que havia, na Paz, saudades!
Só agora oiço alegres suspiros
Do Mondego nos seus pinceirais.

«Já cá estou, finalm.te, em Coimbra,
Aqui estou, finalmente, outra vez,
Apesar da azeitona e do porco
Que jogávam constante entremês.

«Lá chequei para maior novidade
Com batatas, galinhas, feijão
Que pesáram arrobas para conto
Nos costados do golpe João.

«Ao chegar á cidade «alma mater»
Alegria raiava infernal:
Pois corria, solene, o Congresso,
O Congresso da União Nacional.

«Foguetorio, vivório, o demonio!
Tudo doido, quer novo, quer velho;
Sem faltar na comedia de sempre
D. Aurora dos Santos Coelho.

«De Venancio na rua pacata
Ás janelas narizes de fóra,
Espreitando, anciosos, a volta,
Inquirindo de tanta demora.

«A Policia, na frente, zelosa,
Farejava, com todo o direito,
Se havia, escondida, na carga
Qualquer coisa com cheiro a suspeito.

«Isidoro, fiel intendente,
Recebeu sem qualquer azedume;
Tudo entrou, sem escolho, na casa,
Onde havia flores e perfume.

«D. Aninhas Pimenta de Lima,
Eu poeta, já digo, não sou;
Estes versos, á laia de epistola,
Só transmitem uns beijos do Avô...»

Isto foi, apenas, um desabafo. As alusões contidas não valem explicação; a versalhada fica, apenas, por curiosidade. E já não vai mal.

Coimbra:

Dezembro: 21.

Tanta coisa para comentar... E eu sem disposição!

Amanhã lá volto para Lisboa, para cumprir o meu triste fadario.

A assiduidade neste meu escritorio, entre os meus livros e entregue aos meus trabalhos predilectos, foi-se!

Agora, para meu mal, continuo neste fadario constante: ora Lisboa, ora Paz, ora eu sei lá!... O que me estará reservado neste final de vida que eu sempre imaginei podesse ser calmo?

Enfim... adeante.

Lisboa:

Dezembro: 31.

Cá estou, no final de mais um ano. Lisboa continua na mesma: movimento extraordinario, luxo, desvergonha nas mulheres e... eu sei lá o que ha mais!

A vida modificou-se de tal modo que é dificil a adaptação, por mais que se queira não envelhecer...

Ora bem!

Nestes poucos dias de convivencia na capital notei, não sei se por desconfiança minha, certo ar melancolico, e verifiquei um caso que ha muito me preocupa va e andava envolvido em mistério.

Este caso era o do Rumulo de Alexandre Herculano, nos Jeronimos, que certos rumo-rums diziam estar desaparecido da casa do capitulo. Numa destas tardes fui-me dos meus cuidados e fui até Belem, para ver com os meus olhos.

Na verdade... o Rumulo desapareceu! O Rumulo romantico, de certa importancia, que guardava a urna do Historiador, desapareceu!... O que lá vi, a meio da gaveta, no chão, apenas sobre uns jornais

afoios, foi uma arca com tampa golipo-
real, em cujas faces se lê que dentro está
a urna do grande adversario da Reacção.

A' volta, encostadas ás paredes, estão
outras arcas semelhantes com as urnas
de Garrett, João de Deus, Junqueiro, Teo-
filo Braga e ... e ... do golue Carmona.

Como diabo é que se póde conceber a
mistura do pseudo-marechal com aque-
les homens notaveis? Porque é que não
arranjaram outro local para o «grande
presidente» e não deixaram passeggados
os poetas e historiadores?

Pois é verdade: com os meus olhos
pecadores vi que Alexandre Herculano foi
despojado do tumulo construido por sub-
scripção publica e metido em caixa sim-
ples, no chão — certamente para não fi-
car superior ao insignificante general
que os acasos e bambúrrios da politica ele-
vou aos cimcaros da celebridade.

Saí de lá com pouco atordido.

O porteiro, a quem pedi na rua uma
moeda de 2$50 explicou, com voz surrida,
que o Herculano estava para desaparecer de
lá e que o Carmona é que estava desti-

nado a ocupar o centro da Casa do Capitulo. Assim seria. Não me custa a acreditar na afirmação do funcionario — se não [redacted] é funcionario da policia encarregado de ver as reacções dos visitantes.

Seja como fôr. A Reacção não esquece e o Herculano veiu a pagar a sua intransigencia, setenta e tal anos depois da sua morte. Os ultramontanos teem memoria excelente.

Quanto ao surto monarquico... É natural que as esperanças aumentem, pois é o Governo quem as favorece. Mas, não sei, não me cheira m.to...

E assim acaba o ano.

Retalhos

De pag.ª 30-31:

António Augusto Gonçalves

Faz no dia 19 de Dezembro um seculo que nasceu em Coimbra António Augusto Gonçalves. Desde então, não mais apareceu nesta terra alguém que pudesse igualá-lo na beleza da sua arte e dos seus ensinamentos.

Mestre dos Mestres, que tão devotadamente se dedicou ao ensino, sabendo crear à volta do seu nome, tão cheio de prestigio, o respeito e a veneração de todos os seus discipulos.

Esta data não devia, portanto, ser esquecida, e já que mais nada possa fazer-se, lembro à ilustre direcção da Escola Livre das Artes e Desenho, aos seus discipulos que tantos foram, irem nesse dia em Piedosa Romagem junto do seu tumulo, espalhar as flores da sua Saudade, honrando, assim, a memória do Mestre, de quem tantos ensinamentos receberam.

JOSÉ VIEIRA MACHADO

De O Despertar, nº 3201 de 24 de Novembº

— x —

De pag. 54

Uma rectificação... "ex-officio" ...

No nosso prezado colega «Diário de Notícias», n.º 29.744, de 6 do decorrente mês na 5.ª página, 3.ª coluna, lê-se o seguinte:

«**Terras do Mondego** — Começou a publicar-se em Coimbra a revista trimestral «Terras do Mondego», que se dedicará à história, tradições, arte e arqueologia, etnografia e regionalismo da vasta zona geográfica de que é reconhecido fulcro a famosa cidade universitária. *Dirige-a o ilustre professor da Faculdade de Letras, Dr. Rocha Madahil*, de reconhecido renome como arqueólogo, etnógrafo e escritor. O primeiro número insere, entre outros, os seguintes artigos:...»

Agora a rectificação... «ex-officio»:

Conhecemos um 1.º Conservador do *Arquivo da Universidade*, com êsse nome; sabemos, porém, que aquele funcionário não é Professor da Faculdade de Letras, nem tão pouco se formou em qualquer Faculdade...

Quartel General da 2.ª Re

1.ª REPARTIÇÃO

O Senhor Coronel da reserva -Belisário Pi

residente em R.Venancio Rodrigues 1freguesia de

Concelho de Coimbra, é avisa

pela freguesia de Sé Nova concelho d

Quartel General em Coimbra, 10 de Fevereiro

O C

(a) 2

366

De fog. 75

361

De fag. 104-105

Salas & Viagens

Casamento:

GOIS, 22.—Na acolhedora e solarenga casa da família Baeta da Veiga, desta vila, realisou-se, no passado dia 20, mais uma encantadora festa familiar, em virtude do casamento, efectuado naquela data, do sr. eng. José Alberto de Paula Saraiva Baeta da Veiga, filho da sr.ª D. Zulmira de Paula Saraiva Baeta da Veiga e do sr. major-médico dr. Alberto Baêta da Veiga, com a gentilissima sr.ª D. Maria do Rosário Monteiro de Abreu Varela, filha da sr.ª D. Ema Augusta Monteiro de Abreu Varela e do sr. major Carlos Rodrigues Varela.

A cerimónia realisou-se na igreja matriz desta vila, que se achava vistosamente engalanada, tendo sido celebrante o rev. prior da freguesia, sr. padre Belarmino Soeiro.

Apadrinharam o acto: por parte da noiva, sua mãe e seu tio, o arquitecto sr. António Rodrigues Varela; e por parte do noivo, sua mãe e seu primo, sr. eng. Alvaro de Paula Dias Nogueira.

Após a cerimónia religiosa, realisou-se nas salas da residência Baêta da Veiga e ao som da banda de Góis, que se encontrava presente, um «copo de água», a que assistiram numerosos convidados, entre os quais citamos: coronel Belizário Pimenta e esposa; dr. José Alves Pais e filha; dr. Manuel de Paula Nogueira e filho; dr. Bernardo Baptista Ferreira, esposa e filhos; dr. Francisco Dias, esposa e filhos; Aníbal Varela; D. Andília Veiga e filhas; D. Emília Veiga; dr. António de Almeida e Sousa; Manuel Francisco Martins, esposa e filhos; António de Campos Nogueira, esposa e filhas; Guilherme de Almeida Alves Meião; António Rodrigues de Oliveira; Cristóvão José Moreira de Figueiredo, esposa e filha; eng. Alvaro de Paula Dias Nogueira, esposa e filhos; Carlos José Monteiro de Abreu Varela e António Manuel Monteiro de Abreu Varela, irmãos da noiva; Joaquim Mateus Ramos Pinto e filha; dr. Joaquim da Rocha Silva e esposa; José Maria de Almeida Lopes Gomes e esposa; dr. José Pedro Dias Júnior e esposa; Emídio Pimentel Figueiredo e filhas; Manuel Rodrigues Varela e esposa; eng. Eduardo Azevedo Monteiro e filho; Ernesto Rola Henriques, esposa e filho; D. Júlia Câmara Oliveira Azevedo e filhos; coronel José Pereira Pascoal e filho; capitão Manuel Ribeiro Menezes; dr. Alvaro Filipe da Fonseca; Eduardo Brito e filho; dr. Agostinho Tinoco, esposa e filho; D. Júlia Garcia; João Telo Korrodi Azevedo Gomes, etc.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o norte do país.

Na «corbeille» viam-se valiosas e artísticas prendas, oferecidas pelos convidados e por outras pessoas de família e amizade que por motivos imprevistos não puderam assistir.

Aos noivos, portadores das tradicionais virtudes das famílias portuguesas, desejamos as maiores venturas.

De GÓIS

Abril, 22.

NOTA INTERESSANTE. — Como *A Comarca* hoje noticia em outro local, consorciaram-se nesta vila o sr. eng. José Alberto de Paula Saraiva Baeta da Veiga com a sr.ª D. Maria do Rosário Monteiro de Abreu Varela.

Uma nota interessante desejamos, a propósito, destacar: Na casa dos noivos encontra-se a sua antiga criada sr.ª Albertina Henriques, que para casa da família foi com a idade de 14 anos e hoje conta 88, dando-nos a impressão de que tem menos, devido à lucidez com que conversa, recordando coisas antigas. Apesar dessa tão avançada idade, não tem falta de saúde, vendo e caminhando bem, e fazendo rendas e outros serviços com muita perfeição. Foi em criança para casa dos bisavós dos noivos, sr. Manuel Martins Nogueira e esposa sr.ª D. Adelaide, para encolar seu filho sr. dr. José de Paula Nogueira, hoje juíz-desembargador aposentado, residente em Lisboa; depois, encolou os netos, sr.ª D. Zulmira Saraiva e sr. eng. Alvaro Dias; depois, os bisnetos sr.ª dr.ª Maria Helena e sr. eng. José Alberto; e actualmente encola uma interessante trineta, filha da sr.ª dr.ª Maria Helena e do sr. dr. Moreira de Figueiredo.

Esta dedicada criada disse-nos que devia ir hoje para Leiria, mas não foi, porque quer ver chegar a esta vila, da sua viagem de núpcias, o seu «querido menino», o sr. eng. José Alberto, por quem nutre muita e sincera amizade.

DR. BAETA DA VEIGA. — Partiu para Leiria, onde tenciona demorar-se alguns dias, o sr. major médico dr. Alberto Baêta da Veiga, nosso ilustre conterrâneo.

Comarca de Arganil, de 26 de Abril de 1949

De pag. 125.

HOMENAGEM AOS PRECURSORES
do Ensino Tecnico Profissional

NA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA ESCOLA INDUSTRIAL MARQUÊS DE POMBAL

Realiza-se hoje, ás 21 horas, no Ginásio da Escola Industrial Marquês de Pombal, na rua dos Lusiadas, a cerimónia do descerramento dum baixo relevo em homenagem aos precursores do Ensino Técnico Profissional, da autoria do escultor António dos Santos Usará da palavra o sr. Raul Esteves dos Santos que versará o tema: «O elogio histórico destes homens ilustres...» em que serão evocados Fradesso da Silveira, Vitorino Damasio, Ernesto Madeira Pinto, António Augusto Gonçalves, Joaquim de Vasconcelos, Fonseca Benevides, António Arroio, Marques Leitão, Joaquim Bensaude e outros.

×

De pag. 253

Foi alterado o contrato para a execucão da estátua de Nun'Álvares

A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais foi autorizada a alterar um contrato celebrado com o escultor Francisco Franco, eliminando a execução do modelo em gesso da estátua de D. Nuno Álvares Pereira, com a consequente redução do valor do mesmo contrato a 240 contos, e prorrogando até 31 de Dezembro de 1951 o prazo para conclusão dos modelos das estátuas de D. João I e D. João II.

Justificando a não execução do modelo da estátua representando a figura do condestável D. Nuno, adjudicada ao referido escultor, lê-se no decreto que autoriza a alteração do respectivo contrato que se «reconheceu conveniente alterar as condições inicialmente fixadas para o trabalho».

Ex.mo Snr.o

C.el Belchior Pimenta

Rua de Santo Amaro á Estrela 41-2.º

Lisbôa

V. Ex.ª vota na 3.ª Secção
Liceu de Pedro Nunes
Av. Pedro Álvares Cabral

3222

Da pag. 182.

363

De jaq. 182

ELEITORES

As eleições do próximo dia 13 de Novembro vêm, de novo, chamar-vos ao cumprimento de um dever bem claro: o dever de reforçar, pelo vosso voto, um regime que, em vinte e três anos de vitorioso esforço, tem dado à Nação a ordem, a paz social, grandes iniciativas de fomento, um prestígio externo só comparável ao dos mais altos períodos da História; o dever de reafirmar assim, perante o Mundo, numa hora de crise económica e política generalizada, entre as incertezas e ameaças que enchem o horizonte, a segura unidade portuguesa em torno dos seus ideais e dos seus chefes!

Quem deixe de exprimir o seu voto, mostrará não compreender a lição dos factos e as exigências do momento presente. E parecerá desinteressar-se de um futuro em que tudo virá a ser ainda completado e melhorado.

Certos de que esse futuro estará à altura das nossas esperanças, cumpre-nos manter os bens já obtidos e avançar para novas conquistas e novos progressos.

Nenhum português verdadeiramente consciente poderá deixar de dar o seu voto, no dia 13 de Novembro, à lista que lhe é proposta pela UNIÃO NACIONAL — e de manifestar, por esse meio, ao Governo da Nação, a sua solidariedade, o seu aplauso, a sua vontade de ver prosseguir uma política inspirada, como até aqui, no propósito de engrandecer Portugal!

De pag. 257-258:

Novo cemitério

O *Diário do Govêrno*, publicou o despacho, pelo Ministério do Interior, autorisando a Comunidade das Carmelitas Descalças de Santa Teresa, desta cidade, a criar um cemitério privativo no claustro do seu convento.

— x —

De pag. 267:

(Do Diario de Noticias, de 5 de Outubro, 1950.)

40 ANOS DE REPUBLICA

Completam-se hoje quarenta anos sobre o dia em que o povo português, numa hora de alvoroçado entusiasmo e de ardente esperança, implantou o regime republicano. Sacrificio de honrarias, pureza de intenções, trabalho probo, honesto, esforços de iluminados, tudo trouxeram para a vida portuguesa os homens bons que fizeram a Republica e a ela se deram de alma aberta a todos os grandes sentimentos, coração nas mãos, olhos postos num futuro que queriam feliz para a sua terra. Batiam-se por um Portugal maior — e melhor.

Os ultimos anos do seculo passado e os primeiros deste haviam-se escoado numa monotonia enervante. Erros dos homens tinham criado o desapego da população pela administração do País, gerado aquele torpor espiritual e aquele marasmo que fazem estagnar as grandes iniciativas nacionais. Os que prepararam e proclama-

ram a Republica traziam consigo a chama dum ideal e a expressão dum patriotismo de que ninguem duvidava. O povo acreditou neles e eles acreditaram num milagre.

Mais tarde, eles proprios verificaram que nem sempre talvez tivessem correspondido á fé com que o povo esperava deles a solução de todos os problemas do País. Outros homens que vieram juntar-se-lhe depois haviam, por sua vez, de errar e fazer mergulhar a Nação numa vida dificil, inquieta, á beira do naufragio. Mas, no oceano revolto das paixões sangrentas e das lutas partidarias, a fidelidade dos fundadores, o seu aprumo, a sua dignidade, o seu idealismo surgiam sempre como uma onda mais alta — imaculada.

No meio da procela apareceu então a luz salvadora que guiou Portugal a seguro porto de abrigo. Fez-se a ordem nas ruas, a arrumação na casa portuguesa, o sossego nos espiritos. Voltou a sentir-se orgulho de ser da nossa terra, restaurou-se um prestigio, reocupou-se no Mundo uma posição digna.

Os anos passaram. Portugal é hoje, realmente, maior — e melhor. Apontam-no como exemplo de reconstrução e de progresso ao Mundo inteiro. Citam-se agora os seus governantes como modelo de estadistas. E a sua opinião é respeitada e apreciada. Portugal reencontrou-se, afinal, nos grandes caminhos da sua tradição historica.

Para levar a cabo a extraordinaria revolução pacifica e construtiva dos ultimos vinte e cinco anos, não precisou o País de mudar de regime. Melhor elogio não poderia fazer-se a esta Republica que, após transes dolorosos e horas bem amargas, soube encontrar coragem para se redimir, força para se consolidar, energia para se erguer das ruinas — e soube tambem encontrar os homens que haviam de guiar os destinos da Nação.

Quando, no dia de hoje, se olha para o passado, pratica-se um acto de justiça relembrando, com respeito e com homenagem, todos quantos são dignos dessa lembrança e para o regime trabalharam com um ideal puro e uma intenção nobre. Bem serviram a Pátria. Quarenta anos volvidos, merecem a nossa admiração — e o nosso preito.

×

Da pag. 296

Palavras do sr. Cardeal Patriarca

«Tudo me deslumbra, me comove».

Dirigiu-se depois aos antigos sócios do Centro: «Lembrai-vos daquela frase — A vida é a realização do pensamento da mocidade. Como é bela a vida que nós aprendemos a viver.

E ta vida na beleza do Amor e da Paz.

Olhando para trás, para o passado, reconhecemos que os nossos passos não foram perdidos».

E exclamou, ao concluir:

«Bendito seja o C. A. D. C.!

A vós, sócios actuais dirijo-vos só uma palavra: Os antigos do C. A. D. C. acenderam os brandões da luz que ardem em Portugal.

A vós compete mantê-los acesos: Continuai !...»

Calorosos aplausos coroaram as palavras do sr. Cardeal Patriarca, ao encerrar as comemorações.

(do Diario de Coimbra)

De pag. 313:

Fez o elogiu funebre do sr. Marechal Carmona, o rev.º dr. Pinto Carneiro, que depois de estabelecer a distinção entre aqueles que se imortalizam pelas iniquidades e aqueles que se eternizam pelo culto das grandes virtudes sociais, rendeu homenagem á memória do Presidente Carmona, dizendo ser opulenta a sua biografia — «tem visiumbres de épicas façanhas, grandeza espiritual, tonalidades proféticas, anunciadoras de estrelas novas no céu de uma Pátria redimida. Como militar, como português e bom estadista, a sua vida é uma síntese de méritos inacessíveis, traslado de estoica abnegação e grinalda de floridos laureis».

Num quadro de acentuado lirismo, descreveu o amor do sr. Marechal Carmona á terra portuguesa, á sua paisagem e ao seu povo.

O rev.º dr. Pinto Carneiro, ao terminar a sua notável oração disse: «Hoje pedimos por ele, para que junto de Deus interceda sempre para que sobre Portugal, que tanto amou, esvoassem asas atléticas de uma justiça universal e por cima desta vasta necropole de coisas caídas para sempre na vala comum de Portugal, assuma tons de Primavera e alvoradas virginais de um eterno abrigo».

Declaração

Indices:

I : Anos
II : Nomes proprios
III : Varia.

II

Nomes proprios

III : [illegible]
II : [illegible]
I : [illegible]

[illegible]:

I

Anos

1948 : Outubro, 3 a Dezembro : 1 a 56
1949 : Janeiro a Dezembro 57 a 219
1950 : " " 220 a 277
1951 : " " 278 a 355.

II

Nomes proprios

Aires (Cristovão) — 264
Alberto (Caetano), gravador — 231.
Albuquerque (Afonso de) — 116
" (Ant.º Garjão Carneiro de) — 343
Alcobaça (Visconde de) : Maurip. da S.ª Fonseca Carneira Leite — 240-242
Almeida (Lourenço Chaves) — 31-34, 38-41, 46-52, 55-56, 61-66, 80-83, 94-97, 111-112, 121-33, 226.

Almeida [Luis Lopes de] — 157
" [dr. Manuel Lopes de] — 142, 185-186, 206 e 279-281
Alorna [3º marquês de] — 148
Amaral [João], deputado — 280
Amelia [D.], rainha — 291, 345-346.
Amorim [dr. Diogo Pacheco de] — 71
Anciães [dr. Cascão de] — 293
Anjos [José dos], Cor.el de Empenh.a — 20
Arade [D. Maria] — 323-324
Arapão [dr. Gilberto Beça] — 299-301
Aranda, general espanhol — 191
Azevedo [Mauro Olavo Correia de] — 321
Bastos [João Pereira], general — 113 e 245.
Bernardes [P.e Manuel] — 5
Borges [Fernando], general — 153
Botelho [José Justino Teixeira] general. — 89, 153-154, 154, 170-171 e 224
Braga [Alberto Vieira] — 165-166
Brandão [dr. Mario] — 307-308
Brusco [José Rodrigues], ten.te-coronel — 63 e 64.
Camacho [dr. Manuel de Brito] — 57
Cardoso [Alfredo Ernesto de Sá], gen.al — 268
" [dr. José Maria], notario — 72-74
" [José M.a Correia], cor.el — 254-55 e 256
Carmona [Antonio Oscar de Figueiredo], Pre-

sidente da Republica — 75, 76-77, 305-306, 312-314, 354 e 367.
Carneiro (P.e Pinto) advogado — 314-315 e 367.
Carvalho (dr. Anselmo Ferraz de), Professor — 63, 70-71 e 96
" (Francisco Augusto Martins de), general — 299-301.
" (dr. Joaquim de), Prof.or — 74, 255-256
" (dr. Joaq.m Martins Teix.a de) — 49
" (José de Paiva Manso Sarrea), mordomo do Chão de Lamas — 248-250
Casimiro (Augusto) — 45, 63, 253-254, 281-282 e 341-344.
Castro (dr. Alvaro de) — 124-125 e 346
" (dr. Augusto de), jornalista — 267
" (Cesperio de) — 288-292
" (Inês de) — 226-227
" Junior (João de Barros Pereira de) — 320
Cerejeira (Manuel Gonçalves), cardeal — 141, 265-266, 267, 276, 295-296 e 347.
Cicero — 134
Cidade (dr. Herculano) — 293-294 e 298-299.
Conceição (José) — Artista — 32-33
Correia (dr. Fernando da Silva) — 228-230
" (dr. Maximino), reitor da Universidade — 117-118 e 127.

Carreira (dr. Virgilio) — 104 e 330.
Costa (Fernando dos Santos), ministro da Guerra — 15, 17, 20-21, 69-70, 114-117, 192, 312 e 342
" (dr. João Manuel da) do Secretariado de Informação — 274-275.
" Junior (José Ribeiro da), cor.el — 114-116
Coutinho (dr. João Rodrigues da Silva) — 28, 63, 64, 81, 96, 99-100 e 245-247
" (Manuel), general — 240-242
Cristo (Franc.o Manuel Flores) — 264-265
Cruz (dr. Braga), medico, politico — 71.
Dantas (dr. Julio) — 267-268, 286 e 289-292
Dias (dr. João Pereira) — 46-50, 63, 70-71 e 127-128.
Dickhoff, embaixador alemão em Madrid — 204
Domingues (P.e Avelino) — 247-250 e 252-253.
Donato (José Ernesto Marques) — 55
Douwens (Arnaldo da Silva), coronel — 319
Durão (Ricardo) oficial do ex.to — 280
Eisenlohr, embaixador alemão em Lisboa — 203
Esteves (Raul), general — 20
Falcão (dr. José), professor — 221.
Ferrão (dr. António), Inspector das Bibliotecas — 284-286 e 286
Ferreira (Alvaro), tipografo — 37 e 40
" (Eduardo da Costa), general — 343.

Ferreira (Franc.º Xavier), general — 240-242
Ferro (Antônio) — 18, 77 e 274.
Figueiredo (Campos de), Poeta — 74
Fonseca (João da Fonseca) — 34-36
" (dr. Julio de Figueiredo), medico — 110
" (Tomás da), publicista — 63 e 78
Fontes (Plastciro), fotografo — 32
França (Salvador Pinto da), coronel — 114-116
Franco (Francisco), o "Caudilho" espanhol — 176-181, 193, 194, 196, 198 e 202-204
Freitas (D. Maria Bracklamy Barjona de) — Vide Orade (Maria).
Garcia (dr. M.el Emidio), professor — 260-261
Garrett (João Bapt.ta da S.a Leitão de Almeida) —

Gersão (D. Virginia), professora — 74 e 309-310
Godinho (dr. Vitorino de Magalhães) — 140
" (Vitorino Henriques) coronel — 89-91
Gomes (Francisco), coronel — 139-140.
" (Manuel Teix.a), Presidente da Republica — 268
Gonçalves (Antonio Augusto) — 22-23, 52, 71-72, 84-87, 102-103, 120-121, 125-126, 247, 297, 330, 359 e 362
" (P.e Antonio Nogueira) — 2, 24-28, 33-34, 38-41, 62-66, 80-83, 111-112 e 133.

Gonçalves (dr. Franc.º Rebelo) — 238-239
" (D. Idalina) — 65
Graça (dr. Fernando Lopes) — 144
Guimarães (Vitorino), coronel — 89-91
Guesmão ( )crítico de arte — 63
Heitor (João M.ª), gravador — 231
Henriques (Flaro) — 182-184.
Herculano (Alexandre) — 353-355
Hitler, chanceler alemão — 191.
Hoare (Sir Samuel) — 199.
Horacio — 21
Janny (D. Amelia) — 309-310
Jordana, general espanhol — 202
Jungueiro (Guerra) — 135 e 280.
Kramer, cor.el aviador alemão — 189, 191 e 192
Lafões (Duque de), D. João Carlos — 148-149
Lallemant (Luciano), gravador — 231
Larcher (Armando de Sousa), cor.el — 274
Leal (Ant.º Duarte Gomes) — 135-136
" (José Joaq.m Mendes), cor.el — 260-261
Leirão (Joaquim), escritor — 291
Leite (dr. Duarte) — 271
" (Henrique da S.a Fonseca Correira) — Vi-
de Alcoliça (Visconde de)
Lemos (Alvaro Viana de) — 22-23, 26-27, 31-34, 38-44, 62-66, 80-83, 94-97, 110-112, 131-133 e 222.

Leiros [dr. Eugenio de] — 64, 127 e 129
Leucastre [Julio Garcêz de] — 319
Lima [Ana Mª Piementa de Sousa] — 297-298, 350-352
" [Teixeira de Sousa] — 88-89, 274 e 336-337
" [Henrique de C. Ferreira] — 89, 147-148, 150-154, 154, 158, 163, 166-167, 170-172, 181, 185-186 e 209
" [D. Maria Lina Ferreira] — 163, 172, 185, 187, 212-215, 215-219, 223-224, 227, 301-303.
" [Dr. Silvio], Professôr — 138-143
" [D. Vera de] — Vide Mayer
Lino [Raul], arquitecto — 226
Lobo [dr. Gumersindo da Costa] — 24-28, 31-34, 36, 37, 38-41, 45, 62-66, 80-83, 94-97, 111-112, 117-118, 131-133, 210-211, 225, 237-38.
Lopes [Franc.º Filipino Craveiro] — 10, 325, 326, 330-334, 334 e 346-347.
" [Joaquim], artista — 40, 62-63, 87, 94
Loureiro [Raul Silvão] — 319
Macedo [dr. Armando de] — 77
" [dr. Veiga de], sub-secretario — 349
Machado [dr. Fernando Falcão] — 329
" [João], Pai — 49 e 51-52
" ["], Filho — 24-28, 31, 33, 38-41,

49-50, 51-52, 52-54, 55, 61-66, 94-97, 111-112, 131-133 e 222

Machado (José Vieira), ourives — 30, 43

Madail (Ant.º Gomes da Rocha) — 21-23, 30, 32, 36, 47, 54-55, 62, 103-104, 133, 296-297, 307-308, 311 e 359.

Madureira (dr. Joaquim) — 40

Maia (Fernando da Costa), major — 149.

Mantero (Henrique) — 25

Manuel II (Dom) — 255-256

Marques (Albertino), serralheiro — 2-3 e 6

" (dr. João Martins da Silva) — 286-287

Matos (dr. Armando de) — 62-63

" (José Mendes Norton de), general — 7, 9, 57, 67-68, 69 e 76

Mayer (D. Genoveva de Lima) — 28, 32, 64, 66, 68, 80-82, 84-87, 87, 92-93, 94-96 e 112

Meira (Alberto) — 63, 122-124, 146, 250-252

Meireles (Manuel Carlos Quintão) — 326-327 e 332

Melo (Luis Lopes de), Padre — 44-45

Meneses (Mario Silvio Ribeiro de) — 321

Moltke, gen.al alemão, embaixador em Espanha — 202 e 203

Monteiro (Alberto dos Santos Pereira), coronel — 317-318

Monteiro [Henrique Pires] — 3-5; 7-12; 13; 19-20; 89-91; 113-117; 125; 132; 167; 171-172; 208-209; 223; 224-225; 242-245; 259-265 e 278.
" [dr. Manuel] — 97-98, 334-335
Morais [Alberto Faria de], coronel — 272-273; 273; — e 304-305
Moreira Junior [dr. Manuel] — 347-348
Mota [António da Costa], Sobrinho — 25, 42, 64, 66.
" [Luís José da] — 110 e 318.
Neuério [Vitorino] — 138-143; 155-156; 160-162 e 226.
Neto [Diogo], gravador — 231
" [Joaquim Mª] general — 143-144.
Nogueira [Albano Dias] — 144-145
" [Alberto Dias] — 144-145
" [Familia Paula], Goís — 105
Nuno [D. Duarte] — 175-176.
Olavo [dr. Carlos] — 44-45 e 46.
Oleiro [dr. João Manuel Bairrão] — 327-330
Oliveira [dr. Alberto de Sá] — 25-26, 33, 42-44, 81-82 e 126-128
" [António Carreia de] — 288-292
" [dr. Carreia de], medico — 219
" [Eduardo da Cunha] — 325-327
" [Ernesto de Sousa], bispo — 99-102, 254

Oliveira {Hermes de}, capitão — 20
" {Luis Alberto de} — 108-109
" {P.e Miguel de} jesuita — 326
Pacheco {Cruseth.o Alves} — 12
Pais {Alberto da Silva} — 318
" {João Gomes), tipografo — 287-288
Pascoa {Arnaldo} — 233-235 e 235.
Pascoais {Joaq.m Teixeira de} — 308-309
Passos {Alvaro Ferreira} — 20 e 166-167
Paço {Raimundo de Bulhão} — 58-61
Pedro {Dom) Infante — 149
Pedroso {João) gravador — 146, 164 e 231.
Pegado {Cesar de Sousa} — 185-186 e 186-187
Peroso, gravador — 231 e 233
Pereira {Nun'alvares} — 233-235; 235; 244-245;
253-254; 263 e 362
Peres {dr. Damião} — 210-212; 221-223; 225
Pessoa {dr. Virgilio A.}, major — 74
Pimenta {dr. Alfredo} — 285; 344-345.
" {Rafael} — 123, 147, 164, 231-232
Pimpão {dr. Alvaro Julio da Costa} — 186, 186-187,
212-215, 215-219, 227, 302-303 e 344.
Pina {D. Manuel Correia de Basto} — 129
Pinto {Ant.o Aug.to da Silva), eugenh.o — 38, 131.
" {Aug.to Carv.o da Silva}, arquitecto — 38
Pires {Enrico de S. Saturio} — 148-149 e 320

Pope [Alvaro] – 278
Porto [dr. João] – 335-336
Portugal [D. Pedro de Alex.ª] – Vide Alorna
Prado [Bernardino] – 167-168.
Quintela [dr. Paulo] – 138 e 142-143
Ramos [dr. Gustavo Cardeiro] – 329.
Reis [Alberto Ramiro dos] – 344
" [dr. Luis da Camara] – 37, 63 e 268
Renouard [dr. Yves], Prof.ª de Bordeus – 236
Ribeiro [Helder] – 317
" [Mario de Sampaio] – 213-214 e 215-216
" [Tomás] – 51
Ribbentrop, ministro alemão – 193, 194, 201, 202
Rivarol – 88
Rocha [dr. Adolfo] – Vide Parga.
" [Armando Viana da] – 27, 33, 64, 82, 97, 112, 120-121 e 132
Rodrigues [dr. Ant.º Luis da Costa] – 2, 24-28, 32, 38-41, 62-66, 80-83, 94-97, 111-112, 128-129, 131 e 315
" [José Felipe de Barros], general – 12
" [dr. Rodrigo] – 124-125
Sá [dr. Octaviano de] – 2, 6, 30, 54, 55-56, 62, 117-118 e 258
" [dr. Pedro de Moura e] – 36, 45 e 46
Salazar [Antonio de Oliveira] – 16-18, 140, 144

175-176, 192, 193, 194-201, 204-205, 266 e 326.

Sales (P.e Ernesto Aug.to Pereira) — 305

Salgueiro (Manuel Trindade), arcebispo de Mi. Vilene — 119-120 e 289

Sanches (Franc.o), medico — 348-350

Santa-Rita de Cassia — 114

Santos, gravadór em madeira — 252

" (Luis dos Reis) — 104 e 327-330

" (Raul Esteves dos) — 126

" (dr. Reinaldo dos) — 25-26, 100-102, 103-104 e 128.

São Pascoal Bailão — 113

Sardinha (Antonio) — 279-28.

Sarmento (José Estevão de Morais) — 8-9

Schlotterer, embaixador alemão em Madrid — 203

Seneca — 134

Sequeira (Matos) — 246

Serra (dr. Adriano Vaz) — 141

" (dr. José Antunes Vaz) — 141

Silva (Albino Caetano da) — 97-98, 123, 146-147, 164, 231-232, 250 e 287-288.

" (Ant.o Henriques da), cor.el — 72 e 83

" (Ant.o Maria da), antigo presidente do ministerio — 268-269, 270-271

Silva (Aurelio Figueiredo Nunes da) coronel — 156-160, 205-208
" (D. Manuel Luis Coelho da) — 248
Simões (João Gaspar) — 96
" (D. Mécia Gonçalves) — 96 e 131.
Sintra (Alfredo), coronel aviador — 192
Soares (Ernesto) — 145-148, 163-168 e 231-233
" (dr. Torcato de Sousa) — 74 e 236-238
Stockler (Francº de Borja Garção) — 148-149.
Stohrer, embaixador alemão em Madrid. — 192, 193, 194, 200, 201 e 205
Suarez (Francisco): centenario em 1948 — 15
Suñer (Serrano), ministro espanhol — 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200 e 201.
Taveira (Alfredo Pereira), corº — 149
Teles (Sebastião), general — 5, 6-7, 7-11 e 260
Temudo (D. Raquel) — 218-219.
Tenga (Miguel) — 133-137 e 336-337.
Valente (Dr. Vasco) — 46 e 63
Varela (Carlos Rodrigues) major — 98-99.
Vargas (Getulio) — 290 e 292
Vasconcelos (Joaquim de) — 296-297
Veiga (dr. Alberto Baeta da) — 104-106
" (Alberto Botelho da Costa) — 89-91
" (Augusto) — 167
" (José Alberto Baeta da) — 98-99, 105-6, 361

Ventura {dr. Carlos Simões} — 238-239
Vieira {dr. Afonso Lopes} — 48
Vilar-Furpim {Barão de), Franc.º José Pereira — 240-242
Xavier {dr. Alberto} — 346-348
Zuquete {dr. Afonso} — 246

<>

III

Varia

Academia das Belas-Artes — 26 e 128.
" das Ciencias de Lisboa — 288-292
" Militar — 20
Acordo secreto ítalo-espanhol em 1936 — 188
Aeródromo em Monte-Real — 14-15
Alemanha: sua política durante a guerra. — 188-205.
Anais das Bibliotecas e Arquivos — 284-286
Analise qualitativa dum Artista — 84-87
Aniversarios — 1, 12 e 337.
Ano Novo... — 220 (o de 1950).
Antonio Augusto Gonçalves, polemista: con-

ferencia no Instituto — 70-72, 73 e 74.
Arquivo Histórico Militar — 158, 241 e 272-273
Arquivos em Portugal — 307-308
Arte [A] em Portugal: crítica e problemas — 104.
Associação Comercial — V. União de Grémios dos Lojistas.
" dos Antigos Alunos da Escola Industrial Marquês de Pombal em Lisboa — 125-126.
Atoleiros [Combate dos] — 233-235 e 235.
Augusto [Século de] — 17-18.
Benção de espadas — 119-120
Bloco latino de Espanha, Portugal, Argentina e Chile — 201.
Boletim da Biblioteca da Universidade. —
" do Arquivo Hist.º Militar — 272-273
Brotéria, revista — 248-249
Camões [Dia de], a 10 de Junho — 322-323
" e as artes belicas — 294 e 298-299.
Campanha de 1762 — 304-305
" " 1801 — 166-167
Cancerosos [Peditórios para os] — 14
Capricias — 91-92
Cartilha do Povo, do dr. José Falcão — 221
Casa da Moeda — 25, 210-211, 211-212, 221-223 e 225-226

Casa de Coimbra em Lisboa — 28, 29, 38-39, 41, 63 e 131
" - Museu Ferreira Lima — 217-218.
Catálogo e Sumário dos Mss. de caracter militar etc. — 272-273
Censura política — 221
Centenario da Sebastã — 107 e 108-111
Centro Academico Democracia Cristã (C.A.D.C.) — 295-296 e 366
Coimbra: Arco de Almedina — 117-118
" : Associação dos Artistas — 24, 31, 38, 40, 46, 65, 94 e 131.
" : Biblioteca da Universid. — 159 e 206
" : Bispos: Vide Oliveira (D. Ernesto); Pina (D. M.el C. de Bastos) e Silva (D. M.el Coelho da)
" : Convento de S.ta Teresa — 250 e 365
" : Cruz de Celas — 244
" : Escola Industrial Brotero — 27.
" : Museu Academico — 311.
" : " das Pratas — 45
" : " Machado de Castro — 28, 102-103, 104, 133 e 328
" : Fabrica de fitas — 248.
" : Rainha Santa: procissão — 254-255.
" : Torre de Almedina — 1-2.

Coimbra: os "trolley-bus" — 297-298
" : Universidade, generalidades — 24, 31-32, 44, 118, 243 e 312-314
" : " : espírito catedrático — 236-238 e 243
" : " : cerimonia do capelo — 243
Comarca (A) de Arganil — 106
Companhia de Jesus — 76, 79 e 348-350
Comuna (A) de Paris, 1872 — 221
Comunismo, doutrina, etc. — 78-80, 188 e 221
Conde (O) de Lippe em Portugal, do P.e Pereira Gales — Vide Gales.
Confraternizações — 89-91.
Congresso da Historia da Administ.e Cientifica dos Portugueses, 1940 — 259
" Internacional da Historia da Arte (16.º) — 99-102, 103-104.
" para o Progresso das Ciencias em 1950 — 259
Conhecimentos militares (Os) como Ciencia Social — 259-265
Conselho de Arte e Arqueologia do 2.º Circunscrição — 297
Corporativismo católico — 266

Correio de Coimbra — 44-45 e 207
De Senectute, de Cicero — 134
Defesa nacional — 148
Deposito de remonta, Mafra — 178-179.
Despertar (O) — 1-2, 5, 23, 30, 54, 117-118, 257, 258.
Dia de finados — 13-14.
Diario de Coimbra — 37, 109, 229, 247-249, 252, 311 e 313
" de Noticias, de Lx.ª — 155, 256 e 265
Dicionario Bibliografº Militar — 299-301
" de Iconografia Portuguesa — 147
Duas (As) Guararapes — 166-167.
Eleições fº deputados em 1949 — 175, 181-182, 363-364
" fº a Presidencia, 1949 — 57-58, 67-68, 69-70, 70, 75, 76-80, 83, 342 e 360
" fº a Presidencia, 1951 — 325, 325-327, 330-332, 332-334 e 334.
Emissora Nacional — 36, 45, 46 e 77.
Ensino Industrial em Portugal — 125-126
Entrevista de Salazar com Franco, em Sevilha, 1942 — 194-201.
Epistolografia (Modelo de) — 104-106
Escola de Belas-Artes, Porto — 40 e 62-63.
" " Ceramica de António Augº Gonçalves, em Lisboa — 132

Escola do Exercito — 119-120 e 264
" Industrial Brotero — 82, 120-121
" Livre das Artes do Desenho — 2, 5-6, 23, 30, 43-44, 117-118.
" Pratica de Infant.ª, Mafra — 159
Espanha: Guerra civil, em 1936 — 15
" e Portugal — 188-205
Estado-maior português — 10-12
" - Novo — 14-15, 16-18, 72, 76-80, 83, 88, 117, 129-130, 175-176, 221, 254-255, 257-258, 266, 268-270, 274-275, 296, 305-306 e 326-327.
Estados-Unidos da America e Portugal — 195-204.
Exame (O meu) p.º o generalato — 121-122 e 324
Exercito português — 21 e 254-255
Exposição das Obras Publicas, 1946 — 16-18
" de Arte-Sacra, em Leiria — 245-247
Faculdade Pontificia de Filosofia em Braga — 348-350
Fatima (Senh.ª de) — 67-68, 113, 323, 338-341.
Feira das Mercês, Sintra — 172-174.
Fonseca, Carlos de Viana, Banco — 347
Fortificações (As) e a defesa dos Estados — 7
Fundação (A) da Casa de Bragança — 255
Garretteana (A) de Ferreira Lima — 185-187, 212-219, 227 e 301-303.
Gazeta da Figueira — 167.

Generais comandantes da Divisão Militar do Porto — 239-242
Generalato {O meu exame f.º o} — Vide Exame
" {O) português — 6-7, 179-180
Gibraltar {A questão de} — 191
Gois, vila de — 98-99
Gonçalves {Ant.º Augusto} — 21-22, 24-34, 36-41, 42-50, 51-54, 54, 62-67, 68-69, 70-72, 80-83, 84-87, 87, 92-93, 94-97, 111-112, 117-118, 120-121, 126-130, 131-133, 210-212, 221-223 e 225-226.
" {Livraria) — 327-330.
" na Administração Publica — 128-129
Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira — 34-35, 35-36 e 331.
Gravadores em madeira — 123-124, 146-147, 163-165, 331-333, 250-252
Gravura em madeira — 146-147, 163-165, 231-233 e 250-252
Guerra civil em Espanha — 188-189, 120
Historia da Literatura Militar em Portugal — 208-209
" {Estudo da) — 261-262
" militar {Ensino da) — 264
Igreja {A) catolica e o Estado Novo — 14-15
" " de Santiago de Coimbra — 334-335.

Imprensa de Coimbra — 81-83 e 87-88
Infantaria, revista — 233-235 e 244-245
In-memoriam de S. Sebastião Teles — 5, 6 e 7-12
Instituto [O] de Coimbra — 63, 65, 70, 96, 236-238 e 323
Introdução ao estudo dos conhecimentos militares — 7-11 e 260
Invasão espanhola em Portugal — 191 e 193
Itinerarios obscuros — 155
Lampadario da Batalha — 48
Leiria — 245-247
Limite de idade — 162 e 168-170
Lisboa: impressões — 277 e 283-284
Livreiros [Os] grimhauristas na sua Irmandade — 323-324
Livro de oiro — Vide Generais.
Maçonaria — 23
Maria da Fonte (A estatua da) no Jardim do Campo de Santa Clara — 282-283
Materialismo industrial — 261-262
Marcas (Feira das) — Vide Feira.
Militarismo em Esphanha — 190
Miranda do Corvo — 155.
" " " : capella da S.ª da Piedade de Talhas — 229-230
" " " : Hospital — 229-230

Miranda do Corvo: Notas no Diario de Coimbra — 247-250 e 252
" " " : Oleiros — 34-35 e 35-36
" " " : Monografia — 34-35, 228-230
Molder & C.ª (Casa) — 24-25
Monte de Caparica — 58-61
Museologia — 102-103, 246-247
Museu de Arte Antiga, Lisboa — 28 e 94-5
" " Soares dos Reis, Porto — 63
Napoleão visto por Balzac — 340
Narciso, Ramalho — 167-168
Natal de 1950 — 275-276
Oleiros de Miranda do C.º — 34-35
Panteon dos Jeronimos — 353-355
Pastor (Oficina de Francisco) — 164
Paz, Mafra: varia — 165-166, 256-257 e 263.
Politica monarquica em Portugal — 175-176
Portalegre: centenario da sua elevação a cidade — 157-160, 205-208
" : sua historia militar — 157-160
Portugal e Espanha — Vide Espanha e Port.al
Povo (O) de Santa-Clara — 6
" Português — 77
Presença, revista — 144
Presidencia da Republica — 325, 330-332, 332-334 e 334.

Primeira (A) producção literaria — 167-168
Primeiro (O) de Janeiro, do Porto — 87, 94, 153, 253, 324-325
Proclamação da Republica: aniversarios — 3-5, 266-268, 338 e 365.
Profissão militar — 168-170.
Reacção ultramontana — 14-15, 18, 78, 266, 267-268, 279-281, 295-296, 314-315, 322-323, 338-339 e 341.
Recreativo (O), jornal semanario — 251-252
Reunião de cursos: Escola do Ex.to — 316-322
Revista de Guimarães — 123, 147, 164 e 232
" Militar — 6, 8, 18, 19-21, 35, 89, 114-117, 153-154, 166-167, 170-171, 181, 224-225 e 278
" Militar: denuncia do acordo de 1905 — 114-117
Revolta de 31 de Janeiro — 287-288
Romanico (O) Portuguez — 97-98
Saloio — 156-159
Sauto-Zita: organização — 323
S. João de Brito: igreja em Lisboa — 267-268.
Seára Nova — 37 e 63.
Sebenta (Centenario da) — Vide Centenario.°
Secretariado Nac.al de Informações — 221, 274-75
Situação politica desde 28 de Maio — Vide Estado-Novo.

Soberania nos Estados — 15
Sociedade de Defesa e Propaganda — 2
" " Geografia — 346-348
Sol, revista — 44
Terras do Mondego, revista — 21-22 e 32
Terreiro de Chão de Lamas — 247-250, 252-253
Tipografia "União" de Coimbra — 37 e 40
Torre do Tombo — 158 e 286-287.
Torres — 226-227
Trifeiro (O), revista — 122, 146 e 251
União de Grémio dos Lojistas — 65, 67, 80-81
" Nacional — 75
Universidade católica em Leiria — 246
Valença do Minho — 122-124, 251-252
Velhice — 133-137 e 245.
Vértice, revista — 339-340
Vila da Praia: desembarque miguelista
em 1829 — 155-156
Voz (A), jornal católico — 324.
Xilogravura — 233.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

Soberania nos Estados — 15
Sociedade de Defesa e Propaganda — 2
" " Geografia — 346-348
Sol, revista — 44
Terras do Mondego, revista — 21-22 e 32
Tesoiro de Chão de Lamas — 247-250, 252-253
Tipografia "União" de Coimbra — 37 e 40
Torre do Pombo — 158 e 286-287
Porim — 226-227
Tripeiro (O), revista — 122, 146 e 251
União de Grémios dos Lojistas — 65, 69, 80-81
" Nacional — 75
Universidade católica em Leiria — 246
Valença do Minho — 122-124, 251-252
Velhice — 133-137 e 245
Vertice, revista — 339-340
Vila do Praia: desembarque miguelista em 1829 — 155-156
Voz (A), jornal católico — 324
Xilogravura — 233